

director António Realinho

# VIVER

VIDAS E VEREDAS DA RAIA

publicação trimestral  
distribuição gratuita

15 edição

janeiro . fevereiro . março

'10

Cultura e  
Desenvolvimento

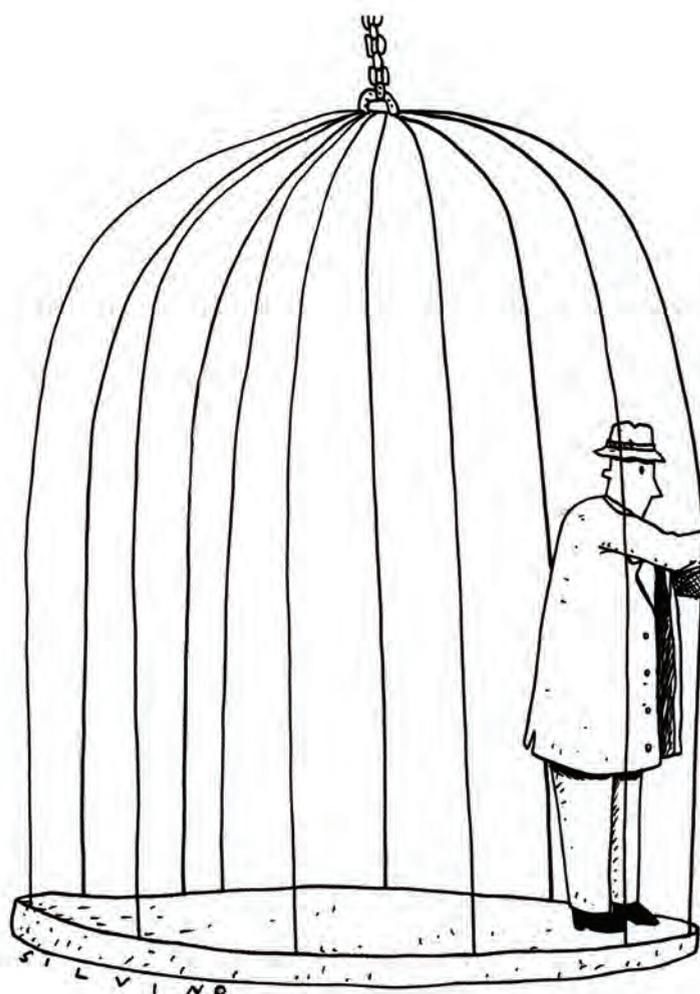
## As Tradições da Páscoa na BIS

FRAGMENTOS DA  
NOSSA IDENTIDADE



Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro - Sul

*Que o espírito da Páscoa liberte  
o voo da humanidade*



retirado do livro  
Direitos Humanos; Museu Nacional da Imprensa - 2008; Edições Afrontamento  
título: Gaiola; autor: Laerte Batista Silvino, Brasil

## conteúdos

### 01 DO DIRECTOR

São rosas, meus senhores, são rosas...!

### 02 DO EDITOR

Aleluia! Aleluia!

### 03 ONDAS CURTAS EUROPEIAS

Durão Barroso apresenta o “seu programa” ao Parlamento Europeu

European Commission 2010-14

Consulta pública europeia sobre a futura estratégia da «EU 2020» - Contributo da APURE

Conferência Europeia a 20/30 anos, que futuro para as Comunidades e Territórios Rurais Europeus“

### 10 ONDAS CURTAS INTERNACIONAIS

Carta de Paris

Carta dos EUA

### 14 GRANDE TEMA

Cultura e Desenvolvimento: As tradições da páscoa na BIS - Fragmentos da nossa identidade

### 31 OS NOSSOS PARCEIROS

PROGESTUR

APURE

### 33 TEM A PALAVRA

Entrevista ao Presidente da Junta de Juncal do Campo

### 35 AO SABOR DA PENA

À Procura de quem sou

Os carrascos de Auschwitz e Birkenau também celebravam a Páscoa?

Pentecostes. O Culto Popular do Espírito Santo. Retorno à idade do ouro.

### 40 SENTIR A BEIRA

A Páscoa (Mistério do sentido da vida e da morte)

### 42 QUIOSQUE DA BIS

Manjares da Páscoa

As Grandes Notícias da BIS

# SÃO ROSAS, MEUS SENHORES, SÃO ROSAS...!

António Realinho  
[O Director]

Quando para poder fazer o bem for necessário transformar o pão em rosas, alguma coisa estará mal no reino. Quase sempre a origem “do mal” é a insensibilidade de quem “reina” em relação às necessidades de quem está à míngua...de pão ou de comunhão.

De pão alimento para os estômagos, e de comunhão...! Comunhão com o divino mas também com os outros, com a fé dos outros (família, vizinhos, com os seus conterrâneos, com a sua comunidade!), para se sentir em sossego e harmonia, para alcançar a disposição necessária à ajuda de quem precisa, para chegar a compreender o mérito de ser tolerante com aqueles de quem não gostamos, para sentir a alegria da nossa ressurreição para o bem, para a amizade, para a solidariedade, para o amor e para a PAZ verdadeira. Se fossemos capazes, todos, ou mesmo somente a maioria, de dia a dia “fazer o bem sem olhar a quem”, teríamos conseguido a verdadeira ressurreição daquele cuja morte evocamos nesta quadra. Se disso fossemos capazes, seria esse o “grande milagre” do mistério da Páscoa!

Se hoje nos detemos a meditar em interrogações maiores sobre as nossas contradições entre os princípios e mandamentos da fé que professamos (seja ela qual for) e as acções que quotidianamente praticamos, é porque a isso nos incita o que nos tem sido possível observar ao longo destes anos de contactos directos com as pessoas residentes nas nossas Aldeias e Vilas. As adversidades e dificuldades da vida nestas nossas comunidades não são unicamente, nem sequer principalmente, dificuldades materiais, embora estas também sejam importantes.

O isolamento; a falta de perspectivas de mudança; o tédio provocado pela monotonia dos dias sempre iguais; o atrofiamento cerebral por falta de estímulos ao exercício da manutenção da capacidade de pensar; a

sobrevalorização obsessiva e o empolamento por vezes trágico dado às coisas ou acontecimentos mais comecinhos do quotidiano; o cultivo da exacerbação dos factores negativos das escassíssimas relações humanas; as crivagens partidárias primárias, etc..., tudo concorre para a criação duma espiral relacional onde predominam os “pequenos ódios de estimação” passando a ser quase impossível, sem ajuda externa, conseguir um mínimo de cooperação e acção conjunta capaz de atenuar a deterioração da convivência social e o próprio desaparecimento físico da Comunidade.

Mas... é justo reconhecer que apesar de todas as dificuldades, em todas as comunidades há pessoas cuja força de vontade e ânimo as leva a persistir, pessoas que não esmorecem, que não se deixam abater no seu empenho de serem úteis aos outros e ao desenvolvimento das suas terras,

peçoas que, pela Páscoa e sempre, olham para os membros da sua comunidade, entendem a sua comunidade como sua família. A estas pessoas devemos o que nos resta de futuro!

A experiência diz-nos que nas condições actuais, já vai sendo difícil encontrar na sociedade civil colectivos capazes de animar e sustentar uma qualquer acção de interesse geral para as comunidades e para a BIS. Nestas circunstâncias, verifica-se que a intervenção de alguém de “fora” com as competências e experiência necessárias e adequadas à moderação de conflitos e à projecção de dinâmicas mobilizadoras para a participação em acções portadoras de melhores futuros é indispensável.

Em muitas comunidades locais e rurais da BIS, foi-nos dito que a carência de padres, ou a excessiva mobilidade destes, retirando-lhes tempo para conviver com os seus paroquianos, contribui para o alastrar do individualismo local e a perda de iniciativas conjuntas, pelo menos em relação às de simbologia religiosa.

Parece óbvio que, em cada terra da BIS faltam “mediadores sociais”, padres ou não, capazes de semear concórdia e capacidade de gerar as dinâmicas colectivas necessárias ao aproveitamento de todos os recursos endógenos e exteriores existentes e tão mal aproveitados. A qualidade do relacionamento social no nosso território é um dos factores essenciais da sua promoção. Promover este território que é a BIS, a nível nacional e internacional, é um dos principais objectivos da nossa acção. Para que possamos ter sucesso, temos que promover o TODO e não apenas algumas partes.

A atractividade dum território, a sua imagem turística, é como a imagem de um automóvel... o turismo dum território não se vende às peças. Podem existir muitos fabricantes de peças, mas... se não existir quem as monte e junte num carro, as peças em separado não têm identidade nem utilidade no mercado, só valem depois de formarem um conjunto! Só valem depois de se completarem umas às outras para formar o carro...

O turismo dum território também assim é... a nossa missão é transformar as diversas potencialidades (peças turísticas) do nosso território num carro turístico de prestígio e boa penetração no mercado... se assim o compreendermos todos, a nossa tarefa estará facilitada. Na ADRACES e na VIVER estamos disponíveis, com os meios e saberes que temos, para participar no trabalho de “distribuir o pão e as rosas” que nos sejam facultadas, ajudando a organizar as pessoas e a transformar as peças em carros, para juntos sermos capazes de protagonizar os projectos do nosso desenvolvimento. Porém, não sabemos fazer milagres! Entendemos que, embora se trate de acções de pouca visibilidade, investir nas pessoas e na organização das actividades das pessoas e, no desenvolvimento cívico e cultural, devem ser preocupações constantes de quem tem a responsabilidade de velar pelo progresso e bem-estar das nossas comunidades e suas gentes. Que os insondáveis “mistérios da Páscoa” nos inspirem... que a ressurreição nos anime a ser mais solidários e sensíveis à desgraça alheia.

Bem Ajam e Santa Páscoa.

P.S. O falecimento do ilustre e dinâmico conterrâneo que foi o nosso saudoso amigo Luís Gomes Filipe, dos maiores criadores de riqueza para estas terras (Danone), encheu-nos de tristeza. A VIVER, a quem concedeu recentemente esclarecedora entrevista, apresenta a toda a família os nossos sinceros pêsames.



# ALELUIA! ALELUIA!

Camilo Mortágua  
[O Editor]

Depois da Páscoa e da celebração cristã da ressurreição de Cristo, celebraremos com o início da Primavera, a ressurreição da vida vegetal, a beleza das flores e os sabores dos produtos da fertilidade renascida da nossa Mãe Terra. ALELUIA!

Nesta cruzada a que nos propusemos, a de ajudar a construir uma identidade singular, forte e apelativa para a BIS, quis o acaso que a nossa atenção fosse atraída para aquilo que alguém designou por “mistérios da Páscoa” logo classificados de “fragmentos da nossa identidade cultural”.

A conjugação de circunstâncias favoráveis levou-nos a escolher “As Tradições da Páscoa na BIS” para grande tema desta edição.

Para nos falar dessas “tradições” fomos ao encontro de pessoas ligadas à organização e promoção de eventos relacionados com a celebração da Páscoa em terras como: São Vicente da Beira, Penamacor e Idanha-a-Nova. A escolha é sempre arbitrária,

estamos convictos que outras terras da BIS possuem práticas e iniciativas tão ou mais importantes que as das terras mencionadas. Fomos a estas porque são aquelas onde com alguma assiduidade nos convidam para falar dos seus problemas, criando connosco uma relação facilitadora de rápidos contactos. Estamos abertos a corresponder a outras solicitações.

Para além da excelente dissertação sobre o tema da autoria do Prof. Moisés Espírito Santo; Prof. Domingos Santos; Dr. Lopes Marcelo e Joaquim Alberto Simões; na presente edição encontram ainda interessantes e diversificadas reflexões sobre outros assuntos de interesse e informações sobre o novo executivo do Governo (Comissão) da União Europeia; a lista dos “Ministros - Comissários” que nos governam a partir de Bruxelas e ainda as habituais cartas do estrangeiro.

Justo é fazer aqui menção da nossa satisfação por ter podido contar com a bem humorada ironia do Abel Cuncas ao longo destes primeiros 15 números. As “pedrinhas na poça” por muito enigmáticas que possam parecer, também falam “dos mistérios da BIS” no geral, e não apenas nos da Páscoa.

Continuamos a desafiar os nossos leitores para nos ajudarem a encontrar uma designação consensual para os habitantes da BIS... vamos lá gente... em terra tão antiga, com tanta história, “bisonhos” não seremos com certeza.

ANIMEM-SE...  
QUE A PRIMAVERA  
E O AMOR  
ESTÃO A CHEGAR!





# DURÃO BARROSO APRESENTOU O “SEU PROGRAMA” AO PARLAMENTO EUROPEU

## “PARCERIA DE PROGRESSO E AMBIÇÃO”

*Assim se pode sintetizar a proposta que o Presidente da Comissão Europeia José Manuel Durão Barroso faz ao Parlamento Europeu, como estratégia para o cumprimento das orientações políticas delineadas para o mandato 2010 - 2014 da Comissão Europeia.*

Segundo o Presidente da Comissão Europeia Durão Barroso “A Europa enfrenta um dilema no mundo interdependente dos nossos dias. Ou unimos as nossas forças para estarmos à altura dos desafios ou estaremos condenados à irrelevância. Redobrarei os meus esforços para concretizar uma Europa ambiciosa. Uma Europa que coloque os cidadãos no centro da nossa acção e projecte no mundo os valores e interesses europeus. Uma Europa que promova as novas fontes de crescimento e impulsione uma regulamentação inteligente para mercados sólidos, em benefício dos cidadãos. Uma Europa de liberdade e de solidariedade.

Estou empenhado em cooperar estreitamente com o Parlamento Europeu em prol de uma Europa próspera, segura e sustentável, assente nos trunfos do mercado interno alargado da UE, do euro e do nosso modelo europeu de sociedade.”

Apresentamos em seguida algumas das orientações políticas propostas pelo Presidente da Comissão Europeia:

### **Definição de uma Estratégia Conjunta**

“Nestes tempos conturbados, do que a Europa verdadeiramente precisa é de uma agenda para a mudança. Só trabalhando em conjunto é que a Europa pode atingir a massa crítica necessária. Estamos perante um dilema: ou configuramos em conjunto a nova ordem que está a emergir ou a Europa tornar-se-á irrelevante.”

### **União Alargada**

“O meu primeiro mandato foi consagrado principalmente à consolidação da Europa a 27. A União alargada proporciona-nos agora um trampolim

para utilizarmos da melhor forma a nossa dimensão e a nossa força. Temos agora as condições para avançar com convicção e determinação para uma nova ambição.”

### **Prioridades / Visão para 2020**

“Precisamos de rever a Estratégia de Lisboa actual para a adaptarmos ao período pós-2010, transformando-a numa estratégia de convergência e coordenação em prol desta visão integrada da UE 2020. Isto exigirá simultaneamente medidas imediatas e medidas a mais longo prazo: Sair com êxito da crise; Liderar o combate às alterações climáticas; Promover novas fontes de crescimento sustentável e de coesão social; Promover a Europa dos cidadãos; Abrir uma nova era para a Europa global.”

### **Estratégia para sair da Crise**

“A prioridade consiste agora em continuar a apoiar a procura e conter o aumento do desemprego, o que exigirá uma aplicação firme do Plano de Relançamento da Economia Europeia, manter as taxas de juro a níveis reduzidos e utilizar as regras em matéria de auxílios estatais para apoiar os governos nos seus esforços destinados a revitalizar a economia sem prejudicar os outros Estados-Membros. É ainda prematuro suprimir estas medidas de estímulo e de apoio à economia e ao sector financeiro, devendo todavia ser elaborada uma estratégia nesse sentido.

Sob a minha liderança, a Comissão irá recorrer a todas as possibilidades facultadas pelo Tratado para reforçar a convergência de objectivos e a coerência dos efeitos da política económica, em especial na área do euro. Uma maior coordenação será decisiva para o êxito de uma estratégia de saída da crise.

A Europa deve sair da actual crise confiante de que dispõe de um sistema financeiro mais ético, mais sólido e mais responsável.”

### **Combate às Alterações Climáticas**

“A crise económica e financeira e as provas científicas das alterações climáticas vieram demonstrar a necessidade de se investir mais na sustentabilidade. Contudo, não se trata apenas de agir

para garantir o futuro do planeta – a Europa irá beneficiar em larga medida do investimento em novas tecnologias de baixo carbono em termos de emprego e de crescimento. O combate às alterações climáticas e a transição para uma economia de baixo carbono irão proporcionar enormes oportunidades e reforçarão a nossa segurança energética. O facto de ser pioneira proporciona à UE vantagens em termos de exploração do potencial das suas indústrias, serviços e tecnologias «verdes», fomentando a sua integração por parte das empresas, em especial as PME, e criando um enquadramento regulamentar adequado. Uma base industrial modernizada que utilize e produza tecnologias «verdes» e que explore o potencial de eficiência energética constitui a chave do crescimento sustentável da Europa. A próxima Comissão deve manter a dinâmica na criação de uma economia de baixo carbono, em especial no que se refere à «descarbonização» do nosso sistema de fornecimento de electricidade e do sector dos transportes – de todos os transportes, incluindo os transportes marítimos e aéreos, assim como o desenvolvimento de automóveis limpos e eléctricos”.

#### Promoção de novas fontes de crescimento e de coesão social

“Não podemos depender eternamente de estímulos de curto prazo que devem passar o testemunho a novas fontes de crescimento sustentáveis.

Para garantir que a UE explora o seu potencial em termos de mudança e continuar a ser um local atractivo para a indústria em 2020, precisamos de uma nova abordagem de política industrial, que apoie o sector, colocando a ênfase na sustentabilidade, na inovação e nas qualificações necessárias, para manter a competitividade da indústria europeia nos mercados mundiais. Estou empenhado numa política que suprima a carga administrativa desnecessária, mas que proporcione a segurança jurídica de que as empresas carecem para efectuarem investimentos a longo prazo.

A próxima Comissão deverá colocar a política de investigação da UE num novo patamar, fazendo dela um dos motores do nosso desenvolvimento sustentável.”

#### Emprego e Mercado de Trabalho

“Precisamos de garantir que os nossos valores da inclusão, equidade e justiça social sejam retomados numa nova abordagem. Não permitiremos que direitos sociais de base, como o direito de associação ou o direito à greve, sejam comprometidos, na medida em que são fundamentais para o modelo europeu de sociedade. E mesmo face à pressão exercida pela globalização na nossa competitividade, nunca devemos responder com uma regressão dos nossos padrões. Devemos, pelo contrário, persuadir os nossos parceiros a adoptarem padrões similares, no interesse do seu próprio bem-estar, e defender um trabalho digno e o respeito por outros princípios em todo o mundo”.

#### Abertura aos mercados globais

“A abertura é um factor crítico para a competitividade futura da Europa. Não se trata de uma mera questão de preferência política, na medida em que corresponde ao nosso próprio interesse enquanto principal bloco exportador mundial.

Precisamos congregar melhor as diversas vertentes da nossa política externa, por forma a utilizarmos o nosso «soft power» para obtermos resultados sólidos para as empresas e para os cidadãos da UE. O interesse europeu deve ser promovido de uma forma coerente e firme.”

#### Apoiar as Redes de Futuro

“A próxima Comissão irá desenvolver uma Agenda Digital Europeia (acompanhada de um programa legislativo específico) que visa remover os principais obstáculos a um verdadeiro mercado único digital, promover o investimento na Internet de alto débito e impedir o aparecimento de uma «clivagem digital» inaceitável.

Um dos próximos grandes projectos europeus destina-se a dotar a Europa de uma nova «super-rede» europeia de electricidade e gás.”

#### Era da Europa Global

“O Tratado de Lisboa, a ser ratificado, constituirá um instrumento que nos permitirá abrir uma nova era na projecção dos interesses da Europa a nível mundial.

Comprometo-me a assegurar que a Comissão, graças ao seu papel motor em muitas das políticas externas essenciais, aproveitará esta ocasião para que a Europa adquira o peso que merece na cena internacional. Hoje em dia, as relações externas não devem ser encaradas como um capítulo isolado, mas antes como fazendo parte integrante da estratégia para atingir os nossos objectivos de política interna.”

#### Medidas

- “Uma profunda reforma do orçamento da UE”;
- “Temos de trabalhar de forma mais estreita e imaginativa com o Banco Europeu de Investimento e o sector privado.”
- “A Comissão irá propor também um novo quadro para as parcerias público-privadas, para associar diferentes fontes de financiamento no sentido de maximizar o investimento nos próximos anos”. ■

Fonte: [http://ec.europa.eu/commission\\_barroso/president/priorities/political/index\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/commission_barroso/president/priorities/political/index_pt.htm)

# EUROPEAN COMMISSION 2010-14




 Portugal

**JOSÉ MANUEL BARROSO**  
PRESIDENTE



 CATHERINE ASHTON  
Vice-Presidente  
Alta-Representante da União para os  
Negócios Estrangeiros e a Política de  
Segurança

Grã-Bretanha



 VIVIANE REDING  
Vice-Presidente  
Justiça, direitos fundamentais e  
cidadania

Luxemburgo



 JOAQUÍN ALMUNIA  
Vice-Presidente  
Concorrência

Espanha



 SIIM KALLAS  
Vice-Presidente  
Transportes

Estónia



 NEELIE KROES  
Vice-Presidente  
Agenda digital

Holanda



 ANTONIO TAJANI  
Vice-Presidente  
Indústria e empreendedorismo

Itália



 MAROŠ ŠEFČOVIČ  
Vice-Presidente  
Relações interinstitucionais e  
administração

Eslováquia



 JANEZ POTOČNIK  
Ambiente

Eslovénia



 OLLI REHN  
Assuntos económicos e  
monetários

Finlândia



 ANDRIS PIEBALGS  
Desenvolvimento

Letónia



 MICHEL BARNIER  
Mercado interno e serviços

França



 ANDROULLA  
VASSILIOU  
Educação, cultura, multilinguismo e  
juventude

Chipre



 ALGIRDAS ŠEMETA  
Fiscalidade e união aduaneira,  
auditoria e luta contra a fraude

Lituânia



 KAREL DE GUCHT  
Comércio

Belgíca



 JOHN DALLI  
Saúde e defesa do consumidor

Malta



 MÁIRE  
GEOGHEGAN-  
-QUINN  
Investigação, inovação e ciência

Irlanda



 JANUSZ  
LEWANDOWSKI  
Programação Financeira e Orçamento

Polónia



 MARIA DAMANAKI  
Assuntos Marítimos e Pescas

Grécia



 KRISTALINA  
GEORGIEVA  
Cooperação internacional, ajuda  
humanitária e resposta a situações  
de crise

Bulgária



 GÜNTHER  
OETTINGER  
Energia

Alemanha



 JOHANNES HAHN  
Política regional

Áustria



 CONNIE  
HEDEGAARD  
Clima

Dinamarca



 ŠTEFAN FÜLE  
Alargamento e política de vizinhança

Rep. Checa



 LÁSZLÓ ANDOR  
Emprego, assuntos sociais e inclusão

Hungria



 CECILIA  
MALMSTRÖM  
Assuntos internos

Suécia



 DACIAN CIOLOȘ  
Agricultura e desenvolvimento rural

Roménia

# CONSULTA PÚBLICA EUROPEIA SOBRE A FUTURA ESTRATÉGIA DA «UE 2020»

Contribuição da  
Associação APURE - Universidades Rurais Europeias.  
Parceira da ADRACES.  
[www.ure-apore.org](http://www.ure-apore.org)

## 01. ESCLARECIMENTO PRÉVIO

A APURE - Associação Para as Universidades Rurais Europeias, Rede Europeia de Actores de Terreno e Investigadores Universitários de práticas de Desenvolvimento Rural, saúda a Comissão das Comunidades Europeias pela decisão de abrir esta consulta pública sobre a concepção de uma nova estratégia para a UE e, como sente ser sua obrigação, apresenta aqui as suas opiniões, sugestões e comentários.

Após leitura rápida (o calendário imposto é demasiado curto para trabalho mais aprofundado) do documento de trabalho da Comissão, cruzámos as suas linhas de força com as “lamentações e reclamações” que os nossos associados europeus dos mais diferentes países, com preponderância para os da Europa do sul, do norte e leste recém admitidos na UE, recolhidas através de inúmeros encontros de troca de experiências e de debates multilaterais aquando da realização dos mais recentes plenários das Universidade Rurais Europeias: VAL SOANA e PIEMONTE em Itália; MONTAGNE St. EMILION e AQUITAINE em França; OXFORD, UK; SZOLNOK, Hungria; SUCHA BESKISDZKA, Polónia, entre outros.

Dessa comparação, entre o que nos tem sido dito pelos rurais da Europa e as orientações de base contidas no documento da Comissão, elaborámos uma muito sintética síntese, que agora colocamos à disposição da Comissão.

As sugestões que aqui são feitas, como não poderia deixar de ser, devem ser vistas, na maioria dos casos, como “objectivos a atingir” sem ponderação temporal para a sua concretização, dado o desconhecimento da grandeza e força dos obstáculos institucionais, económicos, culturais e políticos que se lhe possam opor; e pelo reconhecimento que a presente situação das actividades produtivas da agricultura, silvicultura e pecuária europeias, é o resultado de

um muito longo processo pautado por sucessivas políticas de empobrecimento e desvalorização social e económica dessas actividades.

O que se fez ao longo de meio século, não pode ser desfeito de um dia para o outro...compreende-se. No entanto, somos de opinião que, quanto mais difícil é o percurso a percorrer, mais cedo devemos iniciar a caminhada!

## 02. DO DOCUMENTO DE TRABALHO DA COMISSÃO, RESPIGAMOS AS SEGUINTE FRASES:

1. “.../conceber a nova geração de políticas públicas num contexto completamente diferente”
2. “.../uma economia mais inteligente e mais verde.../”
3. “.../uma agenda que coloque as pessoas e a responsabilidade em primeiro plano.../”
4. “.../que as novas políticas contribuam claramente para a coesão social.../”
5. “.../novas fontes de crescimento, assegurando a coesão social e territorial .../”
6. “.../a Europa deve dispor de uma base industrial sólida e competitiva, de um sector de serviços moderno e de uma agricultura, uma economia rural e um sector marítimo prósperos.”
7. “.../a política da UE não é também a soma de 27 políticas nacionais. Ao trabalhar em conjunto para um objectivo comum, obteremos um todo maior que a soma das suas partes.”

### 03. DA CONCORDÂNCIA OU DÚVIDAS SOBRE O REAL SIGNIFICADO DAS FRASES-FORÇA ALEATORIAMENTE SELECIONADAS:

Sobre a frase 1

***“conceber a nova geração de políticas públicas num contexto completamente diferente.”***

Os rurais ambicionam a mesma coisa, configurada concretamente por:

– Políticas públicas europeias e nacionais com “Governanças” democráticas de proximidade, a “balcão único” por território.

Territórios locais de escala ajustada às realidades de cada sub-região nacional, e dimensões adequadas à maior participação possível dos cidadãos na definição de objectivos comuns.

Objectivo que embora não possa ser imposto formalmente pela “Europa” a cada Estado Membro, deveria ser estimulado por Políticas europeias susceptíveis de interessar os estados membros na sua implantação. Esta é considerada pela generalidade dos consultados, a medida nuclear para possibilitar uma mudança de paradigma na aplicação e gestão dos fundos comunitários, entregues aos estados membros.

Sobre a frase 2

***“Uma economia mais inteligente e mais verde...”***

Embora a frase nos pareça apenas mera “figura de estilo”, poderia corresponder aos desejos dos rurais se enquadrada por políticas que propusessem práticas agrícolas menos predadoras dos solos e do ambiente, condicionadoras dos montantes das eventuais ajudas, para cuja determinação passassem a contar as necessidades do resultado perspectivado para o futuro, e não o histórico do passado.

Sobre a frase 3

***“Para que a agenda coloque as pessoas e a responsabilidade em primeiro lugar”***

Os rurais europeus entendem que seria imperativo que as políticas europeias favorecessem a viabilização económica das pequenas e médias explorações agrícolas, onde as pessoas se responsabilizam directamente pela qualidade dos seus produtos e do seu ambiente por nele viverem, ao contrário do que acontece nas super grandes explorações de absentistas vivendo longe dos locais de produção, sem ligações nem responsabilidades sociais para com as comunidades existentes nos territórios que exploram.

Sobre a frase 4

***“Para que as novas políticas contribuam claramente para a coesão social”***

Entendem os rurais europeus que as políticas europeias só poderão contribuir para a coesão social, se forem políticas que contribuam para equiparar os rendimentos de quem trabalha a terra com os rendimentos daqueles que exercem actividades nos outros sectores da economia. Afirmam que sem este equilíbrio a coesão social é inalcançável.

Sobre a frase 5

***“Para que as novas fontes de crescimento assegurem a coesão social e territorial”***

Entendem os rurais europeus que para a consolidação da “coesão territorial” é indispensável o proposto em relação à primeira questão: “- Governança de proximidade a balcão único por território”. Em relação à “coesão social,” é indispensável o proposto em relação à questão 4. Em relação às novas fontes de crescimento, afirma-se que o sector primário, sobretudo no segmento produtivo, pode crescer exponencialmente se existirem políticas estáveis de ciclo longo, que viabilizem possibilidades de comercialização a preços justos e investimentos com regras adequadas à rigorosa avaliação do seu impacto social e ao correcto funcionamento democrático das “Governanças” dos territórios.



Sobre a frase 6

***“Em relação à base económica sólida e competitiva para a Europa”***

É convicção dos rurais europeus que temos de mudar radicalmente de paradigma, perspectiva que não parece perpassar pela mente dos redactores do documento em análise. Parece evidente que as referências à agricultura, à economia rural e ao sector marítimo, são meros “adornos” para “completar o essencial” e o essencial deve continuar a ser a indústria e os serviços. Os rurais, médios, pequenos e muito pequenos produtores (até a produção familiar), apesar de tudo, ainda responsáveis por mais de 50% da alimentação produzida no conjunto dos países da União, ressentem-se das condições que lhe são impostas.

Entalados entre os baixos preços praticados pelas hiperexplorações e aglomerados ligados às multinacionais da transformação e da distribuição agro-alimentar, onde prevalece a pura lógica mercantil sem nenhuma consideração pela responsabilidade social vis a vis dos territórios que ocupa nem em relação à saúde dos consumidores, obrigados a vender as suas produções abaixo dos custos reais de produção e a aceitar a condição de assistidos para poderem sobreviver pobremente; sentem que, sem que se comece a verificar um esforço sério de mudança de políticas prenunciadoras de um novo modelo de desenvolvimento, de uma mudança capaz de progressivamente começar a equiparar rendimentos e níveis de vida para o conjunto das actividades humanas, não há outra solução que a de emigrar para o urbano, aumentar o desemprego, exacerbar a violência na periferia das grandes metrópoles, aceitar a condição de excluído! Agravar e até dificultar a saída da crise.

Pelos territórios rurais de toda a Europa perpassa um grito de insatisfação e desespero. – “Não queremos subsídios,

queremos apenas que os nossos produtos, respeitadores do ambiente e do valor social da integração das pessoas nos processos produtivos, se possam vender a preços justos e compensadores dos nossos esforços, tal como sucede nos outros sectores da economia.” Esta é a questão para a solução da qual se torna urgente começar a imaginar políticas!

Sobre a frase 7

***“A política da UE não é também a soma de 27 políticas nacionais.”***

Entendem os rurais europeus que esta é a questão chave para monitorar a realidade da coesão social europeia. É sabido que as políticas regionais europeias contribuíram significativamente para esbater as assimetrias nacionais entre os estados membros, mas, em nada contribuíram para combater as assimetrias existentes dentro de cada estado. Pelo contrário, em muitos estados membros, os fluxos de meios financeiros procedentes das ajudas da União, foram instrumentos de aceleração de profundos desequilíbrios demográficos e ambientais, levando a que as lógicas eleitorais nacionais ocasionem grandes concentrações de investimentos lá onde estão as pessoas que votam, excluindo imensos territórios e suas populações das dinâmicas europeias de progresso.

Também em relação a esta questão, os rurais reivindicam políticas que possam contribuir para uma muito mais eficaz solidariedade e coerência de objectivos entre os diferentes níveis da governação, do europeu ao sub regional e local.

*Estes são os comentários mais recorrentes em todas as reuniões, trocas de experiências e debates de ideias, sempre que os nossos associados (pessoas e instituições) são chamados a pronunciar-se sobre o presente e futuro do mundo rural da U.E. ■*



# CONFERÊNCIA EUROPEIA



A 20/30 anos, que futuro para as Comunidades  
e Territórios Rurais Europeus

Na Futura Estratégia **UE 2020**

**13, 14 e 15 de Outubro de 2010**  
**Lisboa e Castelo Branco**

## Promotores

Universidade Lusófona, Lisboa  
Câmara Municipal de Castelo Branco  
Câmara Municipal de Idanha-a-Nova  
Câmara Municipal de Penamacor  
Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão  
ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul  
Revista VIVER - Vidas e Veredas da Raia  
APURE - Associação para as Universidades Rurais Europeias

## Com o Apoio

RED - International Association Rurality-Environment-  
Development  
M.E.R - Mouvement Européen de la Ruralité

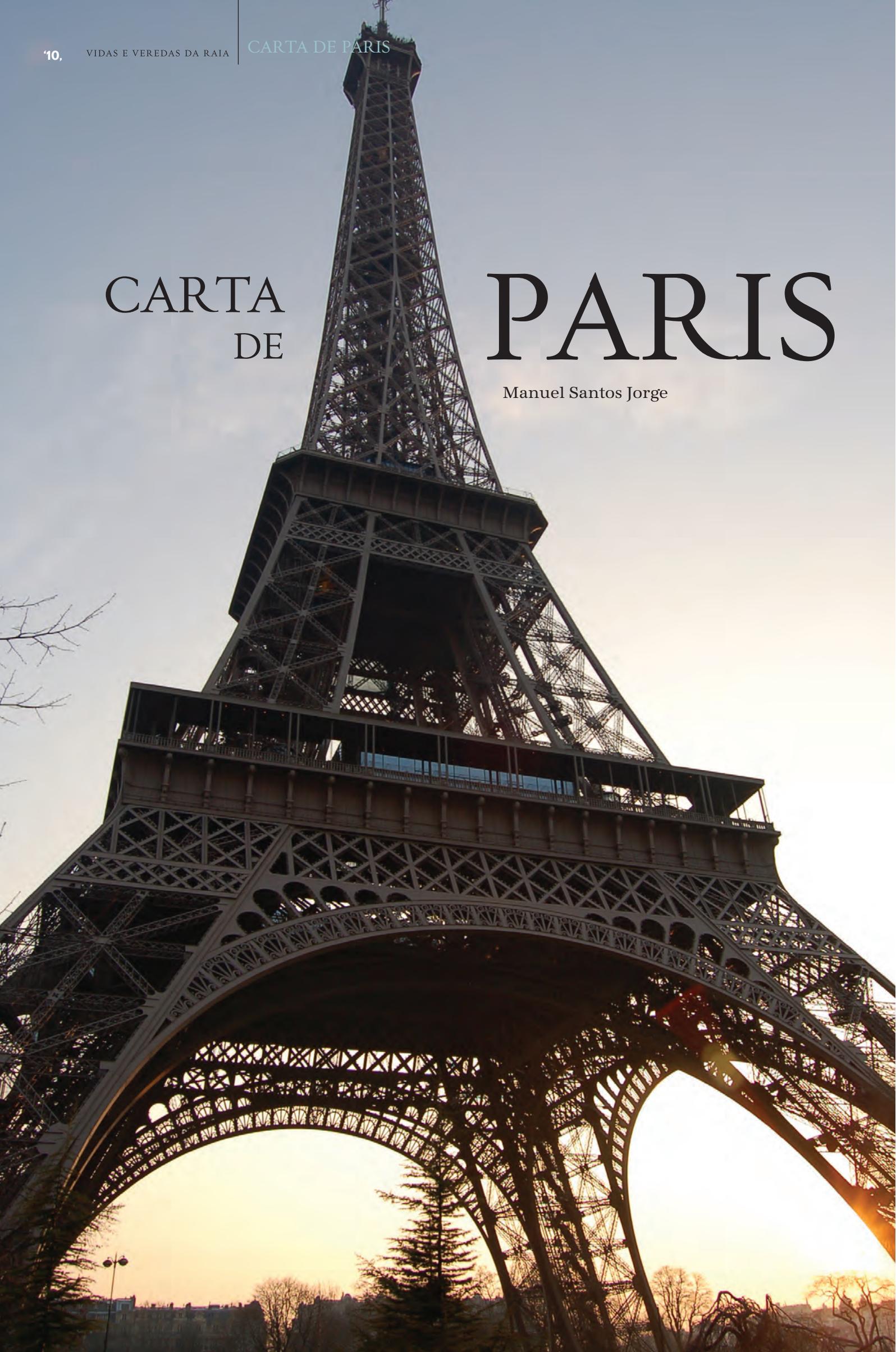
## Organização

**Secretariado:** Universidade Lusófona / ADRACES  
**Difusão:** Universidade Lusófona / Revista VIVER / ADRACES  
**Métodos e Conteúdos:** Universidade Lusófona / APURE /  
ADRACES / Revista VIVER

CARTA  
DE

PARIS

Manuel Santos Jorge



## A BURCA FARSAS E DISFARCES

Na sequência da proibição do véu, dito islâmico e de sinais ostensivos de uma crença religiosa, no recinto escolar, através duma lei datada de há uns sete anos, sob a presidência de Jacques Chirac, para salvaguardar a tão apregoada laicidade, exarada no texto da Constituição em vigor, pautada pelas notas principais da tradição republicana francesa, eis que nova celeuma se levanta a respeito do uso da burca pelas senhoras e donzelas de confissão muçulmana.

O véu (*hidjab*) – espécie de lenço da cabeça usado ainda há poucas décadas também pelas mulheres do ocidente dito cristão, sob o ditame eclesiástico, herdado da prescrição do apóstolo São Paulo – recomenda-se dos preceitos alcorânicos relativos ao vestuário conformes à preservação do pudor feminino.

A burca (*burqa*) complementa não só o *jilbab* (ampla vestimenta negra, usada pelas árabes sauditas, que dissimula o realce das formas femininas específicas), mas o *tchador* (longo véu preto de tradição iraniana que cobre o corpo inteiro, salvo o rosto e as mãos), o *nicab* - *niqab* (véu que protege o corpo inteiro, as mãos providas de luvas e a cara, à excepção da fenda ocular) e igualmente o *sitar* (véu suplementar que abriga também o rosto, acrescido duma banda para esconder os olhos, quando do encontro com estranhos). A burca quer-se deste modo que seja o resguardo total do corpo; de tradição afegã (*pachtune*) e paquistanesa era considerada indumentária obrigatória, sob o regime dos talibãs, no Afeganistão.

Este hábito de trajar é actualmente reclamado pelo salafismo - movimento integrista de renovação islâmica.

Para alvitrar do uso de tal indumentária, conotada supostamente de zelosa militância, no espaço público, regido pelo princípio da laicidade, foi instituída uma comissão alargada de entidades experimentadas, no intuito de encontrar regulamentação (lei, decreto ou recomendação esclarecida) ponderada do assunto.

Oscilando entre quesitos cautelares decorrentes da liberdade inalienável de consciência e de manifestação, peculiares a cada cidadão e, as exigências da Lei Constitucional, quanto ao livre acesso ao espaço público, igualitário e concordante, a dita comissão consultiva não alcançou parecer maioritário decisivo.

A questão foi reenviada para ponderação ulterior.

Para além das considerações duma provável atitude de propaganda, conseqüente de alguma maneira ao uso do traje dito islâmico – argumento susceptível de interpelar a maioria – o problema merece reflexão, pois efeitos sociais, mais ou menos deletérios afectam a opinião pública.

Com efeito, se a cada indivíduo assiste o direito de trajar como bem lhe aprouver, nos limites do decoro, perante os seus semelhantes, cidadãos mais devotados à coisa pública, os quais diligenciam em prol dum espaço sociopolítico acolhedor, aberto a todos, levantam óbice a particularismos demasiado acentuados, susceptíveis de melindrarem a sensibilidade comum, com assomos de escândalo, a de-

safiar a dignidade humana, na acepção abrangentemente partilhada. Além do mais, postulam estes que ocultar a face em público, equivaleria a furta-se a poder ser reconhecida como pessoa – sujeito de palavra e de desejo – aquando do trato comum, em permuta dialogante com os circunstantes. Subterfúgio duvidoso, senão censurável, quaisquer que sejam as razões evocadas!

Um efeito diverso, relatado pelos jornais, decorrido em 7 de Fevereiro de 2010, em Athis-Mons (Essonne; região de Paris), dá conta que um assalto aos correios veio acentuar as questões da segurança e do poder policial. Dois indivíduos vestidos de burcas conseguiram subtrair quase meio milhão de euros, sem serem reconhecidos dos utentes da dita repartição, nem dos transeuntes. Apenas algumas testemunhas do acontecido se aperceberam que os malfeitores – tratavam-se finalmente de homens (e não de senhoras), “calçados de *baskets*, que lhes facilitaram a fuga”.

Todavia, se examinarmos a problemática da celebrada burca à luz, não só das peripécias, mas da história (dos costumes), vinculada numa teoria dos valores (axiologia) conseqüente, poderemos avançar outros considerandos.

Ousaríamos pensar que a moda de tal vestimenta é sobretudo reaccional em circunstâncias de dificuldade mais ou menos drástica de integração cidadã de imigrantes recém-chegados, mas sobretudo residual, da parte dum punhado de irredutíveis a braços com a árdua prova identitária – certo respeitável, porque pungente, de dor autêntica. Patente a todos se torna que as práticas indumentárias apon-tadas e outras se esvairão no curto espaço das gerações.

Assim, porque não a tolerância de hábitos de vestir ou de outros cambiantes folclóricos, ecos memoriais do ser que nos é profundo, mesmo se os apaniguados do lugar consideram estranho – mesmo se à beira do insuportável - o comportamento de seus semelhantes que lhes desalinham as certezas pacatas do rés-do-chão do único horizonte que lhes coube.

Abrir hostilidades, a propósito de questões de menor importância, além de ferir a excelência, cria novas perspectivas de valorização das posições do suposto contendor e risca a inflação do discurso sustentado, no desenrolar dos argumentos insuficientemente concatenados, laboriosamente convincentes.

Na verdade, o que não suportamos nos outros é o reflexo das nossas inconfessáveis insuficiências, no espelho das dúvidas adiadas.

A expressão da diferença, mesmo se de tendências comunitaristas, à revelia do conforto dos acomodados do sistema, é sempre preferível ao quietismo covarde. O progresso da comunidade requer incómodos redimidos e conflitos resolvidos sem dolo nem esquivas: a violência acanhada da nossa vulnerabilidade, ao abrigo da contingência do devir.

Um suplemento de generosidade autêntica convoca do vínculo humano a consistência deveras alargada! ■

CARTA DOS E.U.A.

# UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÓ...

## DEPOIS DA CRISE FINANCEIRA, UM INVERNO HISTÓRICO!

Por João Manuel Duarte  
Morgantown, WV



O Inverno de 2009-2010 é provavelmente para ficar na história.

Nos Estados Unidos, na segunda semana de Fevereiro, havia neve em 49 dos 50 estados Americanos, só as ilhas do Hawai não tinham. Porventura terão visto imagens da capital do país, Washington, paralisada pela neve. O governo Federal Americano fechou as portas por 4 dias, - só isso custando 100 milhões de Dólares por dia, por ser impossível transitar por uma capital coberta dum espesso manto branco de 60cm ou mais nalguns sítios.

Na costa leste, os comboios pararam, as escolas fecharam, estradas foram cortadas ora pela neve ora por choques em cadeia, e os aeroportos tornaram-se residência para muita gente apanhada desprevenida pelo cancelamento de mais de 13 mil voos. Aviões deslocados para o sul, a fim de escaparem à tempestade, pouco beneficiaram pois também Dallas, lá bem a sul, recebeu os seus 32cm de neve. Para esses Texanos pouco habituados a essas coisas o transtorno terá sido ainda maior.

Aqui, na Virgínia Ocidental onde reside este vosso correspondente, a neve chegou com um grande nevão no mês de Dezembro mas não ficou por muitos dias. Janeiro passou-se sem grandes percalços, mas Fevereiro chegou de branco que veio para ficar. Por estas paragens o problema dos grandes nevões é a

acumulação da neve nas árvores. A neve cai nos ramos, as árvores partem-se e partem os cabos eléctricos. Milhares e milhares de pessoas têm ficado sem aquecimento, as estradas ficam cortadas e a vida torna-se insuportável para muitos. Este mês já vamos com oito dias de escolas fechadas, onze perdidos desde Dezembro. O sal, essencial para derreter a neve nas estradas, está também a escassear e o orçamento público para a limpeza das estradas este inverno já está esgotado; os custos foram este ano superiores a 1 milhão de Dólares por dia (para 1,8 milhões de pessoas) e ainda temos mais um mês de inverno. O sal derrete a neve mas enfraquece o pavimento; a água que fica no pavimento gela de noite e rebenta o alcatrão; os buracos estão a aparecer por todo o lado, agora sofrem os carros e de seguida a nossa carteira. O que vem de seguida será sem dúvida mais miséria para muitos pois toda esta neve irá derreter e esperam-se cheias em muitos lugares.

“O país fechou” foi manchete de jornal pelo país fora; nesta segunda semana de Fevereiro os azares causados pela neve foram pano para mangas para a maior parte da imprensa de todos os formatos. De acordo com a organização de pesquisa “Pew Research” as histórias sobre as tempestades tiveram mais cobertura jornalística do que qualquer outro assunto. A crise económica ainda vem em segundo lugar, seguida pelo tema da Saúde e os planos da administração Obama para tal; muito mais pequena foi a cobertura da questão do Irão ou a abertura dos Jogos Olímpicos. Esses deram que falar pelo facto de lhes faltar o elemento principal para a sua realização: a neve. A cidade de Vancouver está a ter um Inverno mais quente do que o habitual.



Sem dúvida que as notícias sobre a quantidade de neve venderam jornais pois foi grande o transtorno causado para a maioria dos cidadãos. Com a neve a cair, as ruas e estradas intransitáveis, escolas fechadas, comboios parados e voos cancelados, a população foi toda afectada directamente pelo estado das coisas.

Com esta neve toda e a cobertura dada pela imprensa, cedo se começaram a ouvir as vozes das dúvidas sobre a existência do Aquecimento Global. As companhias petrolíferas são das que mais têm gasto em publicidade este Inverno. “Agora, mais do que nunca, precisamos de mais energia e de a explorar para fazer face às incertezas climáticas”.

De facto, o Inverno de 2009-2010 tem-se feito sentir pela maior parte do hemisfério norte.

Moscovo, capital Russa, ficou praticamente paralisada com um nevão de 12 cm no dia 7 de Dezembro, com filas de trânsito estendendo-se por alguns 900kms de ruas; o presidente da Câmara de Moscovo pedia o despedimento dos meteorologistas que tinham falhado as previsões de vinda da neve. Todos estavam ainda espantados pelo facto de dias antes, a 3 de Dezembro, se ter registado a temperatura mais elevada de que havia registo. A neve em Moscovo é um negócio sério pois a cidade debate-se todos os anos com o problema da limpeza dos cerca de 2 metros que caem todos os anos.

A partir do dia 16 de Dezembro a neve começou a cair pelo norte da Europa. O TGV parou no túnel do canal do norte, na Suíça a temperatura baixou aos 32 graus centígrados negativos, a Holanda começou a ficar paralisada com a neve e depois a Grã-Bretanha. Pelo Natal a cidade de São Petersburgo, na Rússia, recebeu 35cm de neve, um recorde desde 1881. Na primeira semana de Janeiro, a Grã-Bretanha estava praticamente toda coberta de neve assim como a maior parte da Europa. Mas a neve não se ficou pela Europa; a 3 de Janeiro Pequim, capital da China, ficou paralisada com 30cm de neve, um recorde em mais de 6 décadas. Seul, capital da Coreia do Sul, também recebeu um recorde de 26cm de branco. O Japão também terá recebido neve acima do normal.

Por isso, não é de estranhar que algumas vezes se levantem pondo em causa a teoria do Aquecimento Global. No entanto, há que ter em conta que o estado do tempo num determinado momento não é a mesma coisa que uma alteração climática. De facto, cientistas apontam há muito que um dos resultados do Aquecimento Global seria o acontecimento de extremos, ou seja, determinadas condições que são normalmente observadas acontecerem com maior frequência e com intensidades superiores ao habitual. Entre Janeiro e Fevereiro de 2008, ano de Inverno com temperatura muito acima do normal, morreram 66 pessoas devido a tornados nas planícies do centro e sul dos Estados Unidos. Este ano não há confirmação de nenhum tornado neste período, este ano temos neve.

De facto o que torna o tempo mau está condicionado pela preparação que temos para essas condições. A cidade de Búfalo, no estado de Nova Iorque, recebe em média 2 metros de neve por ano e ninguém por lá se está a queixar deste Inverno. É esta neve que irá recarregar muitas barragens pelo sul dos Estados Unidos que estavam já vazias devido à seca que se tem vindo a sentir por esses lugares. Ninguém quer chuva quando vai para a praia, mas sem chuva não há água para fazer crescer o que nos dá sustento. Afinal de contas, com toda a nossa tecnologia, o ser humano continua dependente do que o tempo nos traz dia a dia. O homem olha para o céu e reza. ■



GRANDE TEMA

CULTURA E DESENVOLVIMENTO

AS  
TRADIÇÕES  
DA PÁSCOA  
NA **BIS**

FRAGMENTOS DA  
NOSSA IDENTIDADE



# A PÁSCOA NA CULTURA POPULAR PORTUGUESA, SUAS ORIGENS E MISTÉRIOS

Moisés Espírito Santo

[Prof. Catedrático de Sociologia  
Universidade Nova de Lisboa]

## PÁSCOA

A Páscoa é, na origem, uma festa agrária com base na posição dos astros. No calendário, ocorre no dia da primeira lua cheia a seguir ao Equinócio da Primavera (21 de Março). Conhecemos esta festa, e neste momento astral, desde o século XX antes de Cristo, no Médio-Oriente. Era a primeira lua cheia do ano; este começava em Março, no Equinócio da Primavera (*equinócio* significa «noite igual» em que o dia tem a mesma duração que a noite). A nossa nomenclatura dos meses (de origem romana) ainda guarda as referências a esse cômputo: Setembro era o 7º mês, Outubro o 8º, etc. Nos povos bíblicos, o ano começava com o primeiro sinal da lua crescente depois do Equinócio da Primavera; 14 dias depois, com a lua cheia, era (como hoje ainda é) a Páscoa. O texto bíblico diz expressamente que a Páscoa é «o primeiro dos meses»<sup>1</sup>. É natural que, depois do Inverno que representa a morte da Terra, o ano começasse com os sinais do renascimento - ou ressurreição - da Natureza. Já o Equinócio do Outono (21 de Setembro) representava o termo da plena expansão da Natureza.

A Lua e o Sol eram vistos como divindades criadoras e constituíam uma parilha. O Sol era pai-fecundador, e a Lua era a progenitora da Natureza e dos seres vivos. A Lua regulava a Terra com os ciclos da vegetação e da fecundação animal e humana. A Terra «que tudo dá e que tudo há-de comer» era o espelho ou o duplo da Lua e o útero onde o Sol faz germinar as sementes. É necessário, então, começarmos pelos cultos do Sol e da Lua.

## O SOL, PAI E CRIADOR

Os equinócios e os solstícios eram momentos privilegiados do culto ao Sol. Muitos povos, para não dizer todos (Europa, Ásia e América pré-colombiana) tiveram o Sol como uma divindade, Criador e ordenador do Universo. Conhecemos o culto do Sol entre os povos do Médio-Oriente desde o III milénio a.C.. No Egipto, teve os nomes de Amon Rá, Aton e Osiris; em Canaã ou Fenícia, era Baal («senhor»); em Babilónia, Shamesh («sol»); no império cartaginês, Baal Sheiman («senhor sol»). Na religião romana havia um deus, Janus, representado como uma personagem bifronte (significando o nascente-poente) que era o Sol ao qual foi dedicado o mês de Janeiro (*Januárius*, o primeiro mês a seguir ao Solstício do Inverno quando o sol retoma altura). A religião dos persas (de Zoroastro ou Zaratustra) era solar; prometia um demiurgo ou messias chamado Mitra que era a incarnação do Sol. Os romanos adoptaram Mitra. A festa cristã do Natal, no Solstício de Inverno, substituiu (é um dado referido historicamente) a festa do nascimento de Mitra que tinha o título de «*sole invictus*». Nos sistemas jurídico-religiosos, o Sol também era um símbolo divino da equidade, Sol de Justiça, e

uma testemunha dos actos humanos porque, girando em torno e com a sua claridade, vê tudo. Hamurabi, rei de Babilónia (sec. XVII a.C.), invoca o Sol como o divino inspirador do seu célebre Código.

O imperador Juliano, que governou Roma entre 340 e 360 d.C., um imperador filósofo, foi sumo-sacerdote do Sol-Mitra. Este imperador, sucessor de Constantino, pretendeu fazer do Império um mundo tolerante onde convivessem todas as religiões. De facto, os cultos do Sol e da Lua eram universalistas - hoje diríamos globalizantes - porque essas divindades eram perceptíveis a toda a Humanidade, sem discriminar pessoas ou povos.

O culto do Sol era espiritualista e misterioso. O Sol era o arquétipo, o sinal visível dum Criador-fecundador de toda manifestação de vida e iluminador da inteligência humana. Diz o imperador Juliano no seu *Tratado sobre Helios*: [Sol]: «Existe em Hélios um deus único em três hipóstases [manifestações]; 1ª - o disco luminoso, o sol do mundo sensível que vivifica a terra e produz o curso alternado das estações; 2ª - a hipóstase que preside às essências inteligíveis mas que escapa inefavelmente ao espírito humano e, 3ª - a de mediador ou demiurgo, rei onipotente de todas as forças sobrenaturais». O Sol era o arquétipo dum Deus universal. Diz ainda: «Se cada povo fixa, à sua maneira, o começo do ciclo anual que, para uns, é o equinócio da Primavera, para outros o coração do Verão e, para outros o declínio do Outono, é para celebrar os benefícios tão manifestos de *Hélios*. Os primeiros louvam-no para que nos conceda um momento favorável nos trabalhos dos campos, na hora em que a terra floresce e o mar se abre aos navios; os segundos glorificam a estação do Verão porque estão seguros da boa vinda das colheitas, e os terceiros, ainda mais astuciosos, vêem como o fim do ano o instante em que a plena maturidade dos frutos anuncia o seu declínio»<sup>2</sup>. Com o culto do Sol o imperador tentou dar uma religião coerente ao império decadente, sem a impôr pela força como fizeram os imperadores seguintes.

<sup>1</sup> Livro do Exodo, 12:2

<sup>2</sup> JULIEN l'Empereur: *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, T. II, 1964.

Os níveis éticos dos adoradores do Sol eram muito elevados. O domínio de si-mesmo e a caridade para com os pobres e os necessitados eram qualidades controladas pelo Sol, deus da equidade. A mentira desagradava ao Sol. As transgressões à lei eram consideradas como pecados contra o deus porque este era a garantia da ordem social<sup>3</sup>. Na literatura babilónica do II milénio a.C, um hino ao Sol diz: «Oh Iluminador da terra, oh Juiz dos céus que iluminas as trevas; oh Pastor que apascentas em cima [os astros] e em baixo [os humanos]! O teu esplendor estende-se sobre toda a terra e fazes brilhar as montanhas distantes. Com a tua aparição se alegram deuses e príncipes. Os teus raios fazem revelar o que está escondido (...). Oh juiz que ditas as sentenças contra os malvados e malféitores, que inspiras os adivinhos nos seus oráculos, os intérpretes dos sonhos e os que lançam as sortes! (...) Rei dos céus e da terra, príncipe cuja ordem é invariável, deus brilhante, soberano! (...). Oh Sol, tu conheces os pensamentos e perscrutas a conduta das gentes de todos os países de línguas diferentes; a humanidade inteira ajoelha-se aos teus pés; oh Sol, a ordem universal aspira à tua luz!»<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> LARA PEINADO, Federico: *Himnos Babilónicos*. Estudio preliminar y notas. Madrid, Editorial Tecnos, 1990, pp. 12-29 - com várias versões deste hino ao Sol datado de, aproximadamente, 1170 a.C.

<sup>4</sup> ESPÍRITO SANTO. *Religião Popular Portuguesa*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1990, p. 55.

Na cultura popular portuguesa, há trinta anos ainda havia orações e vários tabus que tinham o sol por divindade<sup>5</sup>. São Martinho de Dume (séc. V), no sermão chamado «*Para a Conversão dos Rústicos*» refere que os minhotos acendiam velas e fogueiras, nos montes, durante os solstícios e os equinócios.

O Sol aparecia como o regulador do Universo e da vida. O Solstício de Inverno em que o sol está no ponto mais baixo da sua órbita, sugere a morte da Natureza e o recolhimento da vida comunitária. O Solstício de Verão com a actual festa de São João (São João, em latim *Jeanes*, instalou-se aqui para se sobrepôr ao romano *Janus*) em que o Sol atinge a sua máxima potência, apela a ritos orgíacos e à exteriorização esfusante das relações comunitárias e procriadoras.

<sup>5</sup> HAAG, H., e outros. *Diccionario de la Biblia*, o.c. Art. Sabado



## A LUA, PROGENITORA

Antes de mais, há a *simbólica lunar*. Porque cresce, decresce, desaparece e renasce, evoca o eterno retorno e a regeneração da vida. Com uma duração de 28 dias em 4 fases, o número 7 adquiriu um prestígio sagrado. Até o Criador respeitou este ritmo: «criou o mundo em 6 dias e ao 7º descansou» cumprindo assim o ritmo lunar. O 7º dia era dedicado à Lua, entre as tribos semitas donde proveio o relato da Criação<sup>6</sup>.

Depois temos o *determinismo lunar*. A lua é suposta condicionar o clima, as marés, a vegetação e a fecundidade animal e humana. Há trinta anos, os agricultores portugueses ainda se regulavam pela lua para os diversos trabalhos agrícolas, como podemos ver nos almanaques populares de que o *Borda d'Água* é o mais conhecido. James G. Frazer, antropólogo inglês (1854-1941) assinalou o *determinismo lunar* em todos os continentes. Diz, entretanto, que se trata de uma «imensa e universal superstição». «O princípio geralmente seguido consiste em que tudo o que se faz para aumentar qualquer coisa deve fazer-se enquanto a lua cresce; tudo o que diminuirá, durante a lua minguante. Semear, plantar e enxertar devem fazer-se durante a lua crescente; abater árvores e ceifar, durante a lua minguante. Crê-se que as plantas, as unhas e os cabelos cortados enquanto a lua aumenta crescerão depressa; se, ao contrário, se cortam enquanto a lua diminui, crescerão mais devagar ou não crescerão. Segundo este princípio, tosquiavam-se os carneiros enquanto a lua cresce supondo-se que, assim, a lã fique mais longa e dure mais», para além de muitos costumes agrícolas e sociais, saúde, criação das crianças, etc. em todos os povos, da Escócia às profundezas da África e do ocidente europeu aos confins da Ásia, repetidos quase invariavelmente nos povos mais diferentes<sup>7</sup>. A lua também servia de barómetro. Pela claridade do astro cheio, pela nitidez dos seus contornos, pelo tipo de nuvens que a envolvem ou pela brisa que se faz sentir ao nascer, podiam adivinhar-se as condições atmosféricas dos dias seguintes consagradas em aforismos como «lua cheia circulada dentro de três dias é molhada», «círculo de longe, água de perto»...

Finalmente, o *culto da Lua*. A Lua foi cultuada na Antiguidade em todo o Mediterrâneo. Era representada por deusas como Istar (Babilónia), Astarté (Fenícia), Isis (Egipto e Roma), Selene (Grécia), etc. Os ibéricos também veneraram a Lua. Estrabão (geógrafo romano, 58 a.C. - 25 d.C.) falando dos «galaicos» diz: «Têm certa divindade *inominata* [latim, «não-nomeada»] à qual, em noites de lua cheia, as famílias prestam culto dançando até ao amanhecer diante das portas das suas casas»<sup>8</sup>. A divindade «sem nome» era a própria Lua. Estrabão é que ignorava a divindade indígena - porque, na religião romana oficial, a Lua não era cultuada. O étnimo *galaico* teve várias acepções mais ou menos latas: no tempo de Estrabão a *Galécia* era o actual território ao norte do Mondego com a Galiza e as Astúrias. Mas a cultura religiosa da faixa atlântica já era homogénea.

O rito descrito por Estrabão ainda existia na Galiza, perto da fronteira com Trás-os-Montes, no princípio do séc. XX, constatado por um etnólogo galego: «Existe entre os aldeões um curiosíssimo costume cuja origem tenho por muito antiga. Tanto no Inverno como no Verão, mas principalmente no Inverno, nas noites de lua clara e especialmente nas de lua cheia, os homens e as mulheres da aldeia saem das casas para a rua a desfrutar a claridade do astro da noite. As famílias reagrupam-se, fazem festa em honra da Lua em que homens e mulheres cantam e dançam ao som do pandeiro e das castanholas. Os cantares dirigem-se à Lua, misturando neles queixas de amor. O baile é à maneira da terra. Os cantares acabam com arrulhos dos rapazes que gritam *gu-gu-gu-gu*, olhando para a Lua quando a canção e o baile acabam. A festa dura até que chegue a luz do dia»<sup>9</sup>. O autor não dá indícios de conhecer aquela passagem de Estrabão que se enquadra bem na região onde encontrou o costume.

Há hoje muitas mulheres alentejanas com 40 anos que foram «consagradas à Lua» pelas mães. Pegavam a recém nascida nos braços, «mostravam-na à Lua» e diziam:

*Tu és mãe eu sou a ama,*

*Dá-lhe vida que eu dou-lhe mama*

Até há poucos anos os portugueses rezavam à Lua nascente («Lua Nova»). As orações populares à Lua abundavam do Norte ao Sul; por vezes, chamavam à Lua «Nossa Senhora» e «Mãe de Deus»:

*Lua Nova benza-te Deus*

*Minha madrinha, mãe de Deus.*

...

*Benza-me Deus e a Lua Nova (...)*

*Lua Nova, valha-me Deus*

...

*Luar, Luar,*

*Leva-me este mal-estar*

*Deixa-m' esta criança*

*Comer e medrar.*<sup>10</sup>

<sup>6</sup> HAAG, H., e outros, *Diccionario de la Biblia*, o.c. Art. Sábado.

<sup>7</sup> James Frazer: *Atys et Osiris. Etude comparée des religions (Le Rameau d'Or)*, Paris, Librairie Orientaliste Paul Geutner, 1926, pp. 145-160.

<sup>8</sup> Estrabão: *Geographia*, III 4, 6.

<sup>9</sup> TENORIO, Nicolas: *La Aldea Galega (Viana Del Bolo)*, Santiago, Ediciones Xerais de Galicia, 1982, p. 142.

<sup>10</sup> Sobre o culto da Lua e a passagem deste para o culto de Maria, M. Espírito Santo: *Cinco Mil Anos de Cultura a Oeste - Etno-história da Religião Popular numa Região da Estremadura*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000.

# PÁSCOA A PRIMEIRA LUA CHEIA DA PRIMAVERA

A Páscoa cristã (da Ressurreição de Jesus) continua a Páscoa judaica, bíblica, e esta procede de uma arcaica Páscoa, sempre na primeira lua cheia da Primavera. Diz Filon de Alexandria (filósofo judeu do sec. I a.C): «No Equinócio da Primavera temos uma espécie de semelhança e de imagem da primeira época em que o mundo foi criado. Este dia do equinócio foi escolhido de propósito para a fuga dos hebreus [do Egipto] porque, então, não há obscuridade: tudo está continuamente iluminado, uma vez que o sol brilha da manhã ao pôr-do-sol e a lua do pôr-do-sol até de manhã»<sup>11</sup>. O antigo autor do actual calendário judaico diz que «Nos momentos dos equinócios dá-se um alinhamento especial entre as energias da Terra e do Sol. Com isso chegam ao Planeta [Terra] impulsos renovadores que podem ser percebidos por consciências sensíveis e receptivas à comunicação cósmica».

A Páscoa judaica comemora a fuga dos hebreus da escravidão do Egipto (sec. XII a. C.). Segundo o Livro bíblico do *Êxodo*, essa fuga ocorreu na noite da primeira lua cheia da Primavera. Estando os hebreus escravizados e ocupados na «construção de edifícios» (que podiam ser as pirâmides), Yaveh (nome do Deus dos hebreus), mandou o profeta Moisés dizer ao faraó que autorizasse a saída do seu povo para poder ir a «uma festa em honra de Yaveh», num santuário do deserto. Mas o objectivo secreto era a fuga para a terra de Canaã (a costa fenícia), na época uma próspera região de agricultores «onde corre leite e mel». O faraó respondeu

<sup>11</sup> Cit. por GOUDOEVER, J. Van: *Fêtes et Calendriers Bibliques*. Paris, Beauchesne, 1961, p. 25.

que não reconhecia esse deus Yaveh, e não só não autorizou a saída dos escravos como até mandou aumentar as tarefas laborais. Moisés amedrontou o faraó com prodígios; os magos do faraó ripostaram com outros semelhantes. Finalmente, Yaveh castigou o Egipto com catástrofes (as «pragas do Egipto») que incluíram a morte de todos os meninos primogénitos. Perante isso, o faraó acabou por deixar sair o povo; mas logo se arrependeu mandando perseguir-lo com a sua cavalaria que veio a ser submergida na travessia do mar Vermelho. Deus ditou a Moisés as regras culturais para a futura festa da Páscoa hebraica que iria comemorar essa fuga. A festa inclui uma ceia em família em que se come um borrego assado («sacrificado a Yaveh») acompanhado de «ervas amargas» (legumes crus, saladas).

Segundo os comentadores bíblicos, esta festa no deserto a que pretendiam ir os hebreus era uma festa dos egípcios e dos cananeus ou fenícios, a festa da primeira lua cheia da Primavera<sup>12</sup>. Estava generalizada em todo o Médio-Oriente. Era um culto à Lua. Em meio pastoril, assinalava a época da tosquia e até se chamava *festa da Tosquia*. Os pastores incluíam no culto o sacrifício de um cordeiro, em honra da Lua «para obter prosperidade do gado»<sup>13</sup>. Também era um culto fenício<sup>14</sup>. Segundo Plutarco, historiador da Anti-

<sup>12</sup> Exodo, 12:2 e Nota da Bíblia de Jerusalém; GOUDOEVER, J. Van. *Fêtes et calendriers bibliques*. Paris, Beauchesne, 1961, p. 7 e 101.

<sup>13</sup> VAUX, R. de. *Institutiones del Antiguo Testamento*. Barcelona, Biblioteca Herder, 1985, p.615.

<sup>14</sup> Dussaud, René. *La Religion des Hitites et des Hourrites, des Phéniciens et des Syriens*. Paris, PUF, 1944, p. 380.



guidade, a lua cheia da Primavera era a festa da deusa Ísis egípcia e greco-romana e das suas correspondentes Istar (babilónica) e Astarté (cananita ou fenícia), deusas essas que eram representações da Lua. Diz Plutarco que o Equinócio do sol era o momento da «entrada de Osíris [o Sol] na Lua», isto é, a penetração da Lua pelo Sol para a produção vegetal e animal; «uma vez fecundada e ornamentada pelo Sol, a Lua emite e semeia nos ares os princípios geradores»<sup>15</sup>.

Segundo os historiadores destes temas, as festas bíblicas não eram originais; já existiam nos povos envolventes em honra de outros deuses, e com a mesma liturgia. No caso dos hebreus, a divindade matriarcal Lua passou a divindade patriarcal Yaveh.

O ritual arcaico da Lua passou, portanto, a ser uma festa comemorativa da saída dos hebreus do Egípto, a principal festa judaica. Jesus, que - lembremos isto aos anti-semitas - era judeu praticante, também celebrou a Páscoa judaica com os seus apóstolos. Foi a cerimónia a que os cristãos chamam «Última Ceia». Nesse ano, a noite da lua cheia caiu a uma quinta-feira (a actual Quinta-feira Santa dos cristãos), sendo Jesus crucificado no dia seguinte e ressuscitado um dia depois.

Os calendários festivos sucedem-se ou reproduzem-se porque as religiões novas se decalcam sobre as precedentes. Temos então a Páscoa como um exemplo da continuidade

de cultos ao longo de, pelo menos, 4.000 anos, o que diz muito sobre a fidelidade aos calendários festivos, não obstante a sucessão das religiões.

- Festa médio-oriental da primeira lua cheia do ano à deusa Lua (II milénio a.C.)
- Festa egípcia, fenícia e cananita da Tosquia (I milénio a.C.)
- Festa comemorativa da libertação dos hebreus. Páscoa judaica (sec. XII a.C)
- Páscoa judaica celebrada por Jesus, morte e ressurreição de Jesus (sec. I d.C.).
- Páscoa cristã actual.

De um ano a outro, a lua cheia da Primavera não ocorre no mesmo dia da semana. No entanto, os cristãos celebram-na sempre num domingo. Porquê? Por ódio dos primeiros cristãos contra os judeus. De facto, nos primeiros séculos do cristianismo, duas tendências lançaram-se numa polémica sobre se os cristãos deviam celebrar a Páscoa no mesmo dia em que a celebravam os judeus até que o concílio de Niceia (ano de 325) decidiu fixar a Páscoa cristã (chamada agora da Ressurreição) no domingo que se segue à lua- cheia. Se esta lua ocorrer ao domingo, a Páscoa cristã fica para o domingo seguinte. E isto, para que a Páscoa cristã jamais coincida com a Páscoa dos judeus... que aliás, foi a de Jesus Cristo. O ódio dos cristãos aos judeus levou-os a fazer de modo diferente de Jesus.

<sup>15</sup> PLUTARCO, *Ísis e Osíris*. Lisboa, Ed. Fim de Século, 2001, p. 55.

## CONTINUIDADE DA PÁScoa

Os antigos textos sagrados são rigorosos no que respeita à observação dos astros para o calendário dos ritos; assim a Bíblia (Livros *Exodus*, *Deuterónimo* e *Levítico*). O *Livro de Henoc* (um apócrifo bíblico) diz: «Os que não têm em conta o movimento dos astros enganam-se no tempo, confundem as estações e o cômputo dos dias; são pecadores porque não cumprem os ritos e as festas no tempo marcado» E o *Livro dos Jubileus* (outro apócrifo) diz: «Ordena aos filhos de Israel que guardem os anos por este cômputo: 364 dias são o ano completo; que eles não alterem as suas datas e as suas festas. Tudo acontece dentro das suas regras. Não passem um dia nem alterem a festa. Se não celebrarem segundo lhes foi ordenado, alterarão todas as festas e os anos ficarão também desajustados. As estações e os anos ficarão alterados e transgredirão a sua norma. Se não respeitarem este calendário, nunca mais encontrarão o curso dos anos; descuidarão a Lua Nova, a estação e o Sábado, e confundem os dias todos, os dias santos com os dias impuros...»<sup>16</sup>. A observação dos astros, ponto de partida dos calendários e dos ritos, era uma garantia da ordem cósmica.

A actual Páscoa da Ressurreição representa a chegada da Primavera e o renascimento da Natureza, com a solidariedade e a expansão da comunidade como pano de fundo. Em Portugal, é o dia do «Compasso» (visita do pároco aos lares) e das visitas entre os vizinhos, com petiscadas. As iguarias são as amêndoas, os folares, os ovos e a carne de borrego. Os ovos da Páscoa simbolizam a germinação ou o renascimento; os folares e as amêndoas sugerem a fraternidade social. O almoço minhoto da Páscoa inclui obrigatoriamente borrego, ou *anho...* como no séc. XII a.C, e antes. No Baixo-Minho, a segunda-feira da Pascoa é tão importante como o domingo. Há cidades como Póvoa de Varzim que, nessa segunda-feira a que chamam Festa do Anjo,

se despovoam. Os habitantes saem cedo para encontrar lugar nos pinhais e campos onde passam todo o dia a comer e a divertir-se. Porque é que a segunda-feira da Páscoa é assim tão festiva? Veremos a seguir.

Ao domingo de Páscoa segue-se o domingo da Pascoela (a Páscoa judaica também se prolongava por duas semanas) caracterizado, no passado, por passeios dos namorados aos campos e por romarias a certos santuários em honra de Nossa Senhora chamada dos Prazeres. Também era o dia em que, nos campos, os trabalhadores passavam a ter direito a uma ou duas horas de descanso pagas, depois do almoço, a célebre «sesta». Os lisboetas do séc. XIX tinham em muita estima esta festa da Pascoela, ou da «sesta», que celebravam com pic-niques nas quintas em torno da capital. Os namorados dormiam nos campos a «primeira sesta». A capela da Senhora dos Prazeres de Lisboa (que deu o nome a um cemitério) data do séc. XIV. Nossa Senhora dos Prazeres é um culto genuinamente português, popular e antigo; acabou por ser oficializado por Roma a pedido do rei D. João V (séc. XVIII). No entanto, os textos do séc. XVII dizem - e ainda hoje se diz nas Beiras e no Alentejo - que a festa de Nossa Senhora dos Prazeres «é na segunda-feira de Pascoela». Porquê? Pelas razões com que os minhotos celebram com tanto afinco a segunda-feira da Páscoa: segunda-feira era o dia consagrado à Lua. As nomenclaturas espanhola, francesa e inglesa da semana ainda se referem à Lua, respectivamente, *Lunes* = dia da Lua, *Lundi (lunae dies)* = dia da Lua, *Monday (moon day)* = dia da Lua. O povo português é tido como «agarrado às tradições». A continuidade festiva das segundas-feiras da Páscoa e da Pascoela, consagrados à Lua nos tempos arcaicos, é disso uma modesta prova.

A Páscoa é uma festa multidimensional: É o momento em que o Sol instaura a Primavera, com a lua cheia e promessas de abundância, com a festa bíblica e, depois, com a crucifixão e ressurreição de Jesus. Mas é, sobretudo, uma festa agrária. Representa a ressurreição da Natureza. Os campos rebentam numa orgia de flores, de cores, de plantas jovens, de chilreios e de ruidos de torrentes. Inaugura o clima mais ameno do ano. Nos humanos, a época desperta a energia erótica da procriação; a Pascoela até era «o dia dos namorados». As dádivas da Páscoa reflectem o desejo de consolidação social. A Páscoa é floração, renovação e ressurreição multidimensional. Não podia haver no ano um momento mais simbólico para a «ressurreição de Cristo». ■

<sup>16</sup> *Livro dos Jubileus - Pequeno Génesis ou Testamento de Moisés*, in *Apócrifos del Antiguo Testamento*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1982, Vol.II, Cap. 6.

# A PÁScoa EM SÃO VICENTE DA BEIRA 09 DE FEVEREIRO DE 2010

A VIVER, À CONVERSA COM...

*Há coisas que existem na BIS que não existem em outros lados. Houve quem nos dissesse que por aqui nestas terras existiam os Mistérios da Páscoa. Coisas que se organizam, que as pessoas têm por tradição fazer na Páscoa, e que são mais ou menos originais. Essas coisas, todas as coisas que se fazem, que o povo faz, são, no fundo, aquilo a que nós chamamos IDENTIDADE. Os nossos costumes, a nossa cultura, isso é que nos torna diferentes dos outros. Porque temos outros hábitos, outra maneira de ser... A nossa conversa, aqui, é para falar sobre as Tradições da Páscoa, e em que é que isso ajuda as pessoas a sentirem-se melhor lá de onde elas são, na terra a que pertencem.*

## Palavras Ditas

“A Páscoa começa na 4ª-feira a seguir ao dia de Carnaval. É a 4ª-feira de Cinzas. Neste dia as pessoas vão à missa e é costume o Padre meter cinza na testa das pessoas.”

“É com a 4ª-feira de Cinzas que começa a quaresma. Tradicionalmente começavam a cantar-se as Ladainhas todas as Sextas-feiras, onde participavam apenas homens. Actualmente toda a gente pode participar e cantam-se aos Domingos, por haver mais pessoas disponíveis. É também neste dia que se cantam os martírios e se encomendam as almas.”

“No tempo em que tu eras jovem e eu era jovem, um Pároco que cá esteve já há uns 40 anos, fazia nos domingos os Passos. Os Passos faziam-se pelas ruas de S. Vicente e as paragens eram nas Cruzes e nos Passos. Quando chovia fazia-se na Igreja, quando estava bom vinha-se para a rua. Somadas as Cruzes e os Passos dão as 14 Estações, começando à porta da Igreja e acabando no Calvário.”

“Nós, na catequese fazíamos a Via-sacra com as crianças, mas desde que a escola começou a fazer a Via-

sacra na rua deixamos de a fazer na Catequese porque os miúdos são os mesmos.”

“Mas não tem de se deixar de fazer. Tem de se fazer em colaboração, ou seja, fazer-se um trabalho conjunto.”

“Eu acho que se todos nos unirmos, concerteza, o produto final será muito melhor. O objectivo é sempre o mesmo: que estas tradições não se percam. Pelo menos foi esse o meu grande objectivo quando decidi fazer a Via-sacra na Vila, com as crianças da Escola.”

“Aquilo que eu tenho notado sempre é que há pouca ligação entre a Escola e São Vicente. É que a Escola está do lado de lá da ribeira e São Vicente está deste lado da ribeira, por isso, este trabalho só resultará no dia em que ambas as partes se juntem. A Páscoa aqui acontece no período em que os miúdos não estão, por causa das férias escolares, por isso é preciso organizar tudo antecipadamente para que se possam realmente fazer as coisas conjuntamente.”

“As tradições locais são muito ricas sem dúvida nenhuma. Mas não inte-



ressa, nem às pessoas, nem às instituições locais, que as coisas se façam sem o envolvimento das pessoas daqui, porque não há ninguém que as conheça melhor.”

“É verdade que as tradições estão a morrer, mas é preciso cativar os mais novos, para que isso não aconteça. Para isso, é preciso que as instituições locais (escolas, igreja etc.) e as pessoas da terra façam um trabalho conjunto de motivação entre os mais novos para que as tradições não morram. A escola tem de ir procurar o local em que está inserida.”

“Eu próprio me tornei egoísta em relação ao que fui, porque a disponibilidade de tempo é diferente. Na minha opinião, e enquanto Vicentino, actualmente não existe motivação das pessoas para participar nas cerimónias da Páscoa. Isto porque a disponibilidade das pessoas já não é o que era.”

“Hoje em dia a Páscoa serve, essencialmente, para juntar as famílias, pois nesta altura a população em S. Vicente da Beira duplica. Sem as festividades as pessoas não vêm à terra.”

“Agora há um desligamento total das pessoas em si, da população em si, de nós todos em participar nas cerimónias da Páscoa. Penso que se perdeu o sentimento e a nostalgia. As pessoas já não sentem a Semana Santa como sentiam, há um distanciamento. Começa a haver dificuldade em arranjar pessoas disponíveis para participar.”

“Ainda no outro dia, numa Assembleia-geral da Santa Casa da Misericórdia, porque a responsabilidade da realização da Semana Santa é da Santa Casa da Misericórdia, procurou-se arranjar um grupo de trabalho para fazer as cerimónias e estão duas ou três pessoas que eu sei que vão ser eles que vão ter o problema todo para resolver. Portanto, o problema mais grave que vejo em São Vicente e possivelmente em todo o lado é a falta de participação das pessoas.”

“Mas, ao contrário das outras terras, nós ainda conseguimos manter aqui um grupo significativo de casais que participam e trabalham. Mas ainda assim nota-se uma falta de sentido.”

“A falta de um Pároco a tempo inteiro na Freguesia, também contribui para o distanciamento das pessoas. Deixou de existir um elo de ligação entre a igreja e as pessoas, adultos e crianças. Um Pároco devia passar mais tempo na Freguesia, conviver, chamar e dinamizar a população.”

“Temos de nos mentalizar que podemos não concordar uns com os outros em determinadas coisas, mas há momentos em que temos de estar juntos, caso contrário, pura e simplesmente desaparecem os costumes e tradições.”

“E ainda há outra coisa grave: para se fazer a Semana Santa é preciso um Pregador. Um Pregador não é um Padre, tem que ser uma pessoa com características específicas, e isso também é uma coisa que falta.”

“Mas eu penso que tudo isso se podia ultrapassar, passa tudo por quê? Por as pessoas se motivarem, por as pessoas não pensarem que a Semana Santa é a obrigação de pôr os

andores, fazer isto, fazer aquilo... O mais grave é não incentivarem os filhos a participar. Porque até se pode fazer um trabalho na escola a dizer aos jovens: “participem”. Mas, se os pais não fizerem esse trabalho em casa, então leva à mesma participação. Isto é um problema.”

“S. Vicente da Beira é a terra com mais história desta região. Ninguém tenha dúvidas. Está ainda por descobrir! Agora tem que haver uma coisa, tem que se levar as pessoas a participar, porque as coisas vão acabando aos poucos e um dia as imagens nunca mais saem e a tradição acaba. E este é o problema, temos muita história, muitos costumes que vão morrendo porque as pessoas começam a ficar cansadas.”

“O Natal é mais um exemplo da pouca participação das pessoas. Antigamente na Missa do Galo, não se cabia na Igreja. Este ano, a Missa do Galo deixou metade dos bancos sem ninguém. E isto não se passa só em São Vicente, passa-se em todo o lado!”





“Antigamente, nas procissões, havia uma grande disputa entre as pessoas que queriam levar a bandeira, levar as imagens de S. João e de Nossa Senhora. Hoje em dia é diferente, temos de procurar quem leve.”

“Estas tradições envolvem muita gente. Por exemplo, na Procissão dos Terceiros, para os andores saírem são precisas quatro pessoas em cada andor, vezes 14 andores. Hoje é mais difícil mas não é impossível encontrar pessoas.”

“Em São Vicente há uma tradição que cá chamam a Procissão dos Terceiros ou Procissão da Penitência e que se faz sempre no terceiro domingo da Quaresma. A última vez que aqui se fez esta procissão foi há 6 anos. Não se tem feito porque é preciso muita coisa. Primeiro é preciso falar com o Sr. Padre, depois temos de procurar um Padre Franciscano, saber se ele está disponível para vir cá fazer o sermão, a pregação da procissão. Depois tem de se organizar a procissão e arranjar as pessoas, porque são precisas 58 pessoas para pe-

gar nos andores, porque são 14 andores, incluindo o Senhor dos Passos. Nesta procissão as Irmãs Franciscanas enfeitam os andores e vestem-se as crianças de anjo.”

“Esta é uma procissão já muito antiga e que traz muita gente a S. Vicente. Esta procissão só se realiza em quatro terras, a nível nacional, uma delas é São Vicente.”

“Não é preciso, estar aqui com uma grande discussão para saber se quem faz sou eu, se és tu ou se é o outro. Não! Vamos juntar-nos todos primeiro. Todos juntos decidiremos quem faz o quê, e a partir daí...”

“Temos de reconhecer, a culpa nunca é sempre dos outros. A culpa também é nossa. Porque nós ainda não soubemos dar a volta necessária para que os outros venham a nós, se é que posso utilizar esta expressão. Temos de começar por dizer o que é que eu poderia fazer diferente para obter um outro resultado?”

“Quando uma pessoa se dedica a uma causa, quer queira quer não, está também a tratar da sua vida. Porque só está nestas coisas quem trata da sua vida, ajudando a vida dos outros.”

“Provavelmente, podemos concluir que não há Mistérios da Páscoa. Há sim Mistérios na vontade das pessoas.” ■

#### Os nossos agradecimentos aos participantes:

António Cavaco  
Celeste Inês  
Conceição Candeias  
Ilda Jerónimo  
João Prata  
José Duarte  
Marta Freitas  
Pedro Matias

# A PÁSCOA EM IDANHA-A-NOVA

## 17 DE FEVEREIRO DE 2010

A VIVER, À CONVERSA COM...

“OS VERDADEIROS GUARDAS DO  
PATRIMÓNIO SÃO AS COMUNIDADES.”

### Palavras Ditas

“Eu, como Pároco, costumo dizer à minha gente que a Quaresma é a época mais linda de Idanha-a-Nova. Não é por haver muitas procissões ou coisas parecidas... É a época mais linda porque o povo, não só na Vila mas nas aldeias, ganha uma alma nova. As tradições identificam as populações e por isso, mesmo nas aldeias onde há cada vez menos gente, nesta época do ano as pessoas têm um rosto novo, as freguesias têm um rosto novo de entusiasmo, de vitalidade, de encanto.”

“Por altura da Revolução de Abril, época em que as populações corriam o risco de ser esfaceladas e as coisas

antigas corriam o risco de serem esquecidas, encontrei nas tradições do povo de Alcafozes, um factor de união e chamei muitas vezes a atenção deste povo para essas suas riquezas.”

“A certa altura, os filhos de Alcafozes que estavam fora, quando vinham à terra na Semana Santa e na Páscoa, já vinham com outro espírito, percebendo o valor e a riqueza que a sua terra tinha nas suas tradições. E hoje, por exemplo, na Quinta-feira Santa à noite já está a terra cheia de filhos que vêm com espírito de encanto pela sua freguesia.”

“Quando as pessoas olham Nosso Senhor na cruz, Nosso Senhor morto ou cantam os Martírios, sabem o que estão a fazer. Eu costumo dizer que o povo não é estúpido. Sabe que vai ver uma imagem, que vai levar Nosso Senhor na procissão e isso toca-lhes o coração, ajudando-os depois a serem humanos uns para com os outros. Isto é um aspecto de humanidade que se vê nas nossas freguesias. Hoje eu penso que é por causa destas tradições que as pessoas vivem com toda a sinceridade.”

“Eu tenho-me confrontado, em aldeias desta zona, com algumas situações a que eu chamo de divisionismo, isolamento. São situações de pequenos ódios de estimação pelo vizinho que não me deu a cebola que devia. É este género de situações que muitas vezes nos impede a coesão necessária para viabilizar qualquer projecto.”



“Em S. Miguel de Acha existe uma cerimónia pascal - o Terço Cantado nas Ruas - que é uma procissão feita só por homens. Nesta procissão cantam-se, em pontos estratégicos, os Passos do caminho de Cristo para o Calvário e ainda um Terço, Pai-Nosso e Ave-maria. Recuperei esta tradição há cerca de vinte anos e no início tinha a participação dos homens da terra. A pouco e pouco, provavelmente devido às “guerrinhas de capela”, começam a aparecer 5/6 pessoas para uma cerimónia onde são precisas 15 pessoas, no mínimo. “

“Antigamente era uma festa ir cantar o Terço pelas ruas, juntavam-se cerca de 50/60/70 homens. As ruas enchiam-se de homens a cantar o Terço, com os filhos pela mão. A pouco e pouco este número foi decrescendo. Eu atribuo também a isso, o afastamento das pessoas da prática religiosa.”

“Este tipo de manifestações regulares de religião popular, na minha perspectiva, a curto / médio prazo desaparece.”

“No Ladoeiro temos a Procissão dos Homens, e aqui não se prevê que acabe. Temos crianças a participar na Procissão. Sinto esta tradição como um marco cultural, um marco de identidade colectiva muito forte. O que sinto é que estas tradições, nomeadamente esta que acabei de referir, ultrapassam as “guerrinhas” de que falamos há pouco. “

“Eu defendo que a história de uma terra deve ser salvaguardada pelos filhos dessa mesma terra. Existem muitas realidades, e o que numa terra poderá ser um sucesso, noutras poderá ser um grande insucesso. Mais do que nunca o que se pode fazer aqui é partilhar experiências de trabalho de promoção e preservação da história local. “

“Eu era um jovem, como muitos outros em Penha Garcia, e começamos a sentir um vazio, tudo se estava a perder. Fosse o património arquitectónico, fossem as tradições, fosse o que fosse. Tudo estava a ruir com



uma rapidez drástica. Parece que tudo aquilo que era herança antiga, aquilo que era velho, era para esquecer e destruir.”

“Em Penha Garcia fizemos um trabalho muito grande de recolha de tudo o que são histórias, cantigas e lendas junto das pessoas da terra, dos mais velhos.”

“Quando a comunidade está envolvida na valorização e preservação do que é seu e sente que aquilo lhe diz respeito não têm problemas em vir e participar, e vêm com a intenção de valorizar a sua terra.”

“Os verdadeiros guardas do património são as comunidades.”

“Monsanto é uma terra riquíssima em tradições e que felizmente ainda se vão realizando ao longo dos anos. No entanto há uma tradição da Quaresma que se perdeu. Era a Via-sacra, cantada por um só homem, nas 14 estações de Monsanto. Ele cantava e o povo respondia. Ele morreu e a Via-sacra acabou”.

“Hoje é difícil organizar homens, mulheres ou jovens para fazer uma procissão, ninguém quer pegar aos Andores e isto é uma realidade que eu provo nas nossas zonas. Há uns anos atrás havia uma “guerra” porque todos queriam pegar ao Andor. Hoje ninguém quer pegar no Andor.”

“Tive a oportunidade de participar no Bodo de Monfortinho e aquilo que tenho sentido é que as pessoas não fazem aquilo por teatro, é uma questão de vivência cultural, vivência dos seus antepassados é até como uma forma de estarem ligados àqueles que já partiram. Há aqui uma força muito grande, que só quem lá está sente realmente.”

“A minha terra (Penha Garcia) está neste momento “profissionalizada” para rituais à medida daquilo que o turista quer. Actualmente o nosso interesse é a preservação da memória e história local, não estou preocupado com a vivência, o interior, a fé, o culto ou com o ritual. Eu quero salvaguardar e preservar uma memória.”■

Os nossos agradecimentos a todos os participantes:

António Catana  
 Laura Mendes Pedro  
 António Milheiro  
 Pe. José Afonso  
 Pe. Adelino Lourenço  
 Américo André  
 Maria Helena Pires

## A PÁSCOA EM PENAMACOR

*Depois do Carnaval, vem a 4ª feira de cinzas, começa a Quaresma e faz-se a via-sacra todos os domingos à noite.*

*Cantam-se os Martírios do Senhor às Sextas-feiras e Domingos à noite pelas 23H00.*

*15 dias antes da Páscoa faz-se a procissão do Senhor dos Passos.*

*Também se semeiam as cabeleiras para compor o passo na Quinta-feira Santa para se cantar e rezar as ladainhas.*

Maria Ascensão Marcos



### A Quaresma e a Páscoa em Penamacor

#### Sorteio dos Irmãos da Misericórdia

Na terceira semana antes do Domingo de Páscoa, realiza-se o sorteio com os irmãos da Santa Casa da Misericórdia. Nesse dia de Domingo, o Padre faz um apelo aos irmãos para que se reúnam à noite na Igreja da Misericórdia pelas 21h para serem sorteadas as imagens para a procissão dos Passos. Este sorteio começa sempre pelo irmão mais velho da Misericórdia.

São metidos 21 papéis dentro de um saco e cada um tira o seu papel. Depois dirige-se à mesa e dá o seu nome e o do que lhe saiu no sorteio.

Depois de todos serem sorteados, há quem queira trocar, pois há imagens muito pesadas e então procuram sempre a do seu agrado. Em seguida, e como é de tradição, todos bebem um copo de vinho do garrafão oferecido pela Santa Casa da Misericórdia. As imagens que fazem parte da procissão dos Passos, Ladainhas e Enterro do Senhor são: Senhor dos Passos; Senhora das Dores; São João Baptista; O Senhor do Esquife; O Senhor das Ladainhas e a Cruz. À frente vai sempre o Pendão ou Guião a comandar a procissão. Normalmente é sempre o irmão mais velho quem o transporta, juntamente com a matraca que é tocada para que as imagens sejam levadas com todo o rigor.

#### Lavagem dos Santos

Sexta-feira antes do Domingo de Passos, procede-se à lavagem dos Santos, mas antes, por volta das 20h, é levada em procissão a Senhora das Dores para a Igreja Matriz, depois de preparada pelas irmãs devotas de Nossa Senhora.

Esta procissão é feita normalmente com mulheres. Faz-se a essa hora porque às 21h começam as suas tarefas na lavagem e preparação das imagens. Nessa altura, não pode estar a imagem da Senhora das Dores nem qualquer mulher porque as imagens masculinas não podem ser vistas por elas, assim como os homens não podem ver vestir a Senhora das Dores.

Este trabalho de lavagem dos Santos é feito em equipa, normalmente juntam-se os 4 elementos que pegam à imagem e começam por lhe tirar a roupa, depois passam-lhe um pano para tirar o pó, em seguida passam com um pano húmido.

Há imagens que são lavadas com vinho, outras com aguardente. O vinho é posto nas chagas de Cristo para que estas brilhem e imitem sangue. A aguardente tem as mesmas funções, faz brilhar o rosto das imagens. Depois de lavadas as imagens com o vinho e a aguardente o resto que sobra deita-se para o garrafão e é bebido pelos irmãos que participam na lavagem, juntamente com o petisco que normalmente se faz depois desta tarefa.

Este vinho tem como alcunha o vinho das maleitas, quem beber dele jamais terá essa doença.

Entre estas imagens que fazem parte da procissão dos Passos quero salientar que, por tradição, S. João Baptista é limpo e vestido por um irmão da Misericórdia com o mesmo nome (João).

Sábado, pelas 21h, os irmãos que tiraram no sorteio a imagem do Senhor do Esquife levam o Senhor para o Calvário para que no Domingo de Passos seja arvorado na Cruz na capela de S. Domingos (ou Calvário).

#### Domingo de Passos

Pelas 9h, juntam-se os irmãos no Calvário para se proceder ao arranjo da capela. São postos os panos em volta da capela, põe-se a sanefa na parte frontal e fixam-se os panos frontais que irão abrir quando o padre mandar. Têm como nome próprio os véus do templo.

Depois segue-se a crucificação de Jesus. Põe-se a cruz no lugar dela, fixa-se o Cristo e faz-se o arranjo da capela para a chegada da procissão dos Passos à tarde, partindo da Igreja da Misericórdia.

Pelas 16h, começa a missa na Igreja da Misericórdia e depois segue-se a Procissão dos Passos, percorrendo as ruas de Penamacor até à igreja matriz onde se vai encontrar o Senhor dos Passos com a Senhora das Dores e o S. João Baptista. Este sermão é

chamado o sermão do encontro: a mãe, com o filho Jesus Cristo. Depois do sermão do encontro, continua a procissão até ao calvário e termina com um sermão.

#### Procissão das Ladainhas

Quinta-feira Santa, pelas 20.30h, faz-se a procissão das Ladainhas. Esta procissão é feita pelos irmãos da Misericórdia, um leva o Cristo, ao lado vão dois com duas lanternas, e outro a tocar a matraca. A matraca é tocada várias vezes durante o percurso de correr as igrejas, à entrada e à saída da igreja. Esta procissão é feita sempre a rezar quer pelo Sr. Padre, quer pelo Povo, invocando o nome de todos os santos. Termina sempre onde começa, na Igreja da Misericórdia.

Depois das Ladainhas segue a Senhora das Dores para o Santo Cristo, para vir em procissão Sexta-feira Santa acompanhando Cristo até à Igreja Matriz.

#### Sexta-feira Santa

À tarde juntam-se novamente os irmãos da Misericórdia no Calvário, para se proceder à montagem do cenário nesta capela para as cerimónias do enterro do Senhor.

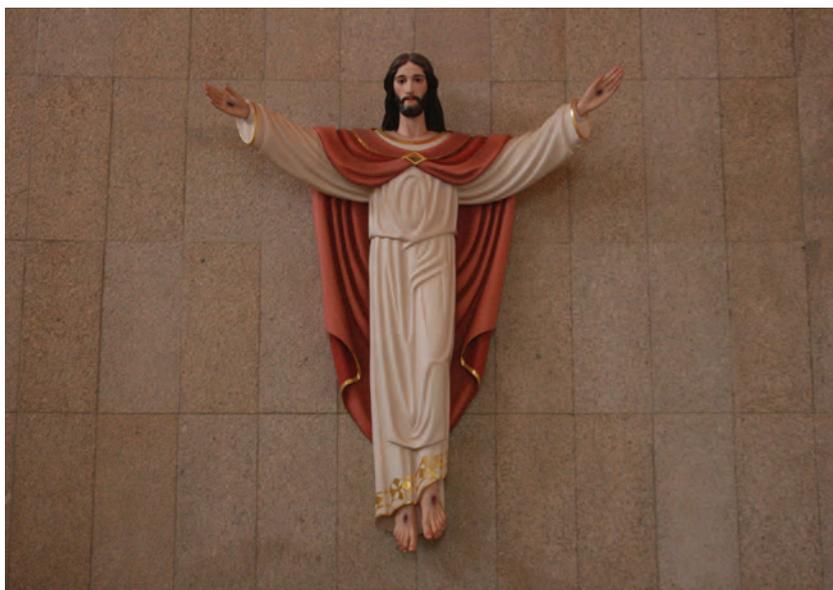
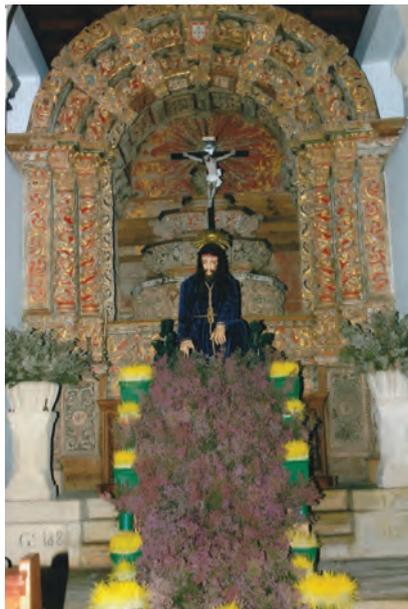
Pelas 15h já tem que estar o Senhor arvorado na Cruz porque foi à hora que ele morreu. Depois põem-se os panos frontais e laterais e põem-se as imagens de Nossa Senhora das Dores e de S. João Baptista ao lado do Sr. Do Esquiife.

À noite é feita a procissão do enterro do Senhor, depois do sermão no calvário segue a procissão percorrendo os caminhos em direcção à igreja matriz.

À frente vai o pendão e a matraca para comandar a procissão. Logo a seguir a Cruz com os panos brancos, panos esses que serviram para que Jesus pudesse descer da Cruz. Atrás vem o Senhor no Esquiife acompanhado de sua mãe e S. João, e por último vem a banda filarmónica tocando a marcha fúnebre.

A procissão acaba na igreja matriz com um sermão onde é mostrado o Santo Cedario que é o corpo de Cristo todo ensanguentado e é dado a Nossa Senhora das Dores. A cruz com os panos é posta num altar lateral para que seja tirada no sábado de aleluia antes da meia-noite.

O Senhor do Esquiife é posto dentro do sepulcro na Igreja. Sábado de aleluia, depois de aparecer a Aleluia, o Sepulcro está aberto e o anjo com o dedo no ar assinalando a ressurreição de Jesus Cristo.■



Os nossos agradecimentos a João Mateus, por este vivo e pormenorizado relato.

## OS MISTÉRIOS DA QUARESMA – SOLENIDADES

| Dia / hora   | Nome   | Descrição   | Local  |
|--|--|---|--|
| 3º Domingo antes do dia de Páscoa / 21h  | Sorteio dos Irmãos   | Após se tocar o sino, os irmãos dirigem-se à igreja da Misericórdia onde, de entre os presentes, se sorteiam os lugares para pegar aos andores dos santos envolvidos na Procissão dos Passos e Enterro do Senhor. (Sra. das Dores, Sr. dos Passos, Sr. do Esquife, São João e Cruz)   | Igreja da Misericórdia   |
| 6ª-Feira seguinte (a anterior ao Dia de Passos) – 20:30h / 21h   | Procissão que leva a imagem de Nossa Srª. das Dores para a Igreja Matriz (para o sermão do Encontro)<br><br>Lavagem dos santos e troca de roupa  | São retiradas as vestes às imagens e preparadas para a procissão dos Passos com outras. A imagem do Sr. dos Passos é lavada pelos “irmãos” com panos humedecidos em vinho tinto - o “Vinho das Maleitas” (doença), que no final é bebido pelos presentes (dizem que protege contra as doenças).<br><br>A imagem de S. João é lavada com aguardente. A imagem de Nossa Sra. das Dores é “tratada” por uma “confraria” de mulheres. As imagens de Nossa Sra. das Dores e do Sr. dos Passos são vestidas de roxo e o S. João de verde e vermelho. A imagem do Sr. do Esquife é levada para o Calvário (Capela de S. Domingos).   | Igreja da Misericórdia – Igreja Matriz<br><br>Igreja da Misericórdia   |
| 2º Domingo anterior ao dia de Páscoa: de manhã<br><br>de tarde, em hora a marcar pelo Sr. Padre, também dependente da mudança da hora    | Preparação da Capela de S. Domingos, Igreja da Misericórdia e dos “Passos”<br><br>Procissão dos Passos<br><br>Sermão do Encontro<br><br>Sermão na Capela do Santo Cristo, com o qual termina a Procissão dos Passos “Fuga” do Sr. dos Passos | Os irmãos enfeitam os santuários com verduras e os “passos” com loureiro<br><br>Missa seguida de sermão<br>Procissão com paragem nos diferentes “passos” (estações com bandeiras representativas da vida de Cristo), colocados em locais habituais ao longo do percurso da procissão. As “bandeiras” são retiradas dos “passos” e levadas até ao Calvário.<br>Nesta procissão, bem como na do Enterro do Senhor, participam várias crianças vestidas de “anjo”.<br>Uma banda de música costuma acompanhar as procissões.<br><br>Jesus Cristo, até aí sozinho, vê Maria e S. João irem ao seu encontro.<br><br>Sermão<br><br>A imagem do Sr. dos Passos é trazida da capela do Santo Cristo para a igreja da Misericórdia. Diz-se que a imagem vem “fugida” (aos olhares das pessoas, obviamente). | Capela de S. Domingos, Igreja da Misericórdia e “passos”, colocados nas ruas no trajecto da procissão.<br><br>Igreja da Misericórdia<br><br>Igreja da Misericórdia – Cimo de Vila – Rua da Misericórdia – Rua Padre Mestre – Rua do Quartel – Rua 25 de Abril – Rua Ribeiro Sanches – Rua 25 de Abril – Rua da Botica – Rua de S. Domingos – Capela do Santo Cristo<br><br>Alto da Praça (Adro da Igreja Matriz)<br><br>Capela de S. Domingos<br><br>Capela de S. Domingos (Santo Cristo) – Igreja da Misericórdia |
| 5ª-Feira Santa   | Procissão das Ladainhas  | “Visita” às igrejas da Vila, onde previamente se faz o “passo”, com verduras e “cabeleiras” - cereais semeados e mantidos sem luz, adquirindo, por isso, uma tonalidade amarela (loiro).<br>Toma parte nas Ladainhas uma imagem de Cristo crucificado.<br>O som da matraca está sempre presente nesta procissão e no Enterro do Senhor.<br>Nossa Sra. das Dores, já vestida de luto, é levada para a Capela de S. Domingos, depois da Procissão das Ladainhas.  | Igreja da Misericórdia, Igreja de S. Pedro, Igreja Matriz, Igreja de S. António, Igreja da Misericórdia.   |
| 6ª-Feira Santa: Antes da 15h<br><br>21 horas<br><br>após o Enterro do Senhor e sempre que haja pessoas com disponibilidade para o fazer. | O Arvorar de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Calvário (Capela de S. Domingos ou Santo Cristo)<br><br>Procissão do Enterro do Senhor<br><br>O Cantar d’Os Martírios do Senhor.  | Os irmãos, logo pela manhã, começam a preparar a Capela do Santo Cristo para a cerimónia e arvoram Jesus Cristo na Cruz, o que tem de acontecer antes das 15 horas, hora da sua morte.<br><br>Sermão, que inclui o tradicional “rasgar dos panos do Templo”, seguido de procissão pelas ruas da vila. Tomam parte a Cruz, o Sr. do Esquife, a Sra. das Dores, S. João e as bandeiras dos “Passos”.<br>No sermão do final do Enterro do Senhor, acontece o encerramento de Cristo no Sepulcro e a entrega do Santo Sudário a Sua Mãe, Nossa Sra. das Dores.<br><br>Cânticos que descrevem os martírios do Senhor que, conforme o primeiro verso “Os Martírios do Senhor, Eu os vou começar. À cabeça os começo, aos pés os vou acabar”.  | Capela de São Domingos<br><br>Capela de S. Domingos, Estrada Nacional, Cavaleira, Rua de Carros, Rua 25 de Abril, Rua Sacadura Cabral, Rua 25 de Abril, Igreja Matriz.<br><br>Qualquer sítio alto, Torre do Relógio, Rua do Chafariz (cimo de Vila), etc., para que possam ser ouvidos.  |
| Sábado de Aleluia / junto à meia-noite   | -  | O irmão que, no Enterro do Senhor, traz a Cruz, tem a incumbência de, na penumbra reinante na Matriz, fazer “desaparecer” a cruz, símbolo da Paixão e Morte de Jesus Cristo, para, dessa maneira, se entrar na Ressurreição.  | Igreja Matriz  |
| Domingo de Páscoa  | -  |   |  |

João José Cunha  
Santa Casa da Misericórdia de Penamacor

Os nossos agradecimentos a todos os participantes:

João José Cunha; Júlia Cruz; João Mateus; Ilídia Cruchinho; Maria Ascensão Marcos; Maria Salomé Silva; Idalina Cruchinho.

# PARA QUANDO A TERCEIRA PÁSCOA?

Joaquim Alberto Simões

Quando nascemos, só temos uma coisa como absolutamente certa: a morte.

Mas a morte, acreditam os cristãos, é a passagem da vida cá na terra para a vida eterna. Não é o fim do caminho.

É, na continuação da vida que cada um viveu, a conquista plena da felicidade.

Porque Jesus Cristo venceu a morte definitivamente quando ressuscitou.

É a Páscoa cristã:

- Passagem da vida na terra, que implica sempre a morte, para a vida eterna, que implica sempre a ressurreição.

A primeira Páscoa vem descrita na Bíblia como a passagem do povo judeu, da escravidão no Egito, para a libertação na terra prometida.

Esta passagem demorou 40 anos, desde a saída do Egito até à entrada na terra prometida de Israel, porque era preciso que o povo todo se purificasse e comesse a ter outra forma de vida.

No Egito, os judeus eram estrangeiros e escravos. Na terra prometida seriam soberanos e iguais. Para isso, era preciso um tempo de preparação até se habituarem à nova vida. Foi por isso que Moisés começou por organizar o povo judeu em volta da lei fundamental, que são os dez mandamentos. Assim, devia desaparecer da sociedade toda e qualquer relação de domínio/submissão, e deviam passar a existir relações de colaboração/fraternidade, onde todos fossem livres e iguais.

Todos sabemos que aqueles 40 anos não foram suficientes. Até agora, depois de passarem tantos milhares de anos, e apesar de tantas revoluções, ainda são tão poucas as relações de fraternidade entre as pessoas e entre os grupos de pessoas. E não só em Israel e na Palestina. O que ainda existe quase sempre são relações de domínio e de submissão.

Na primeira Páscoa, a do povo judeu, tratava-se da libertação de um povo no seu conjunto.

Na segunda Páscoa, a de Jesus Cristo, trata-se da libertação de cada pessoa. Trata-se de transformar cada indivíduo numa pessoa capaz de ser fraterna.

É este o sentido dos 40 dias de quaresma antes da Páscoa da ressurreição.

Todos os anos os cristãos preparam a Páscoa com a quaresma.

Mas, assim como os 40 anos não foram suficientes para transformar o povo judeu num povo fraterno, assim também os 40 dias da quaresma não são suficientes para transformar as pessoas em irmãos uns dos outros. Aliás, nos tempos que correm, uma grande parte das pessoas só conhece a Páscoa porque são férias na escola.

A quaresma é para mobilizar os cristãos, de maneira mais forte durante 40 dias por ano, para a luta que é preciso travar, todos os dias da vida de cada pessoa, contra tudo o que tenha que ver com relações de domínio/sujeição, e, por isso, pela luta diária, que nunca será terminada, a favor de tudo o que sejam relações de colaboração/fraternidade.

Luta esta que tem que ser colectiva, mas que tem que ser também individual. Ninguém pode ficar de fora. E é porque muitos ficam de fora, que ainda estamos tão longe de chegar à fraternidade que Jesus Cristo já atingiu há dois mil anos.

Todos os países ricos se dizem cristãos, ou pelo menos de cultura cristã. Mas sempre que há uma provocação da parte de países não cristãos, ou de grupos de pessoas oriundas desses países, a resposta é sempre a mesma: guerra. A resposta é sempre ligada à relação de domínio/submissão.

De facto, os cristãos falam da Páscoa, da Ressurreição, da Vida Nova, sem uma vontade muito forte de a porem em prática.

Nunca foi tentada uma resposta no sentido de criar relações de colaboração.

E não é porque seja mais cara a tentativa de ajuda fraterna, porque a guerra é sempre mais cara do que a solidariedade.

Para a solidariedade nunca há dinheiro, ou, quando há, é sempre pouco dinheiro e muitas as condições impostas, mas para a guerra o dinheiro nunca falta. Os países ditos cristãos, quando há problemas, preferem sempre a solução baseada na guerra do que na colaboração.

É por isso que a resposta para o Iraque e o Afeganistão foi e continua a ser a guerra. E agora não sabem como acabar com ela. Os que têm mais força querem sempre dominar, nunca querem colaborar. Curiosamente, nunca li nem ouvi uma única referência ao contributo que estas duas guerras, ainda em curso, possam ter tido nesta crise financeira e económica que atravessamos. Mas a guerra começou em 2002, e a crise só apareceu em 2008. Será que os milhões de milhões gastos na guerra não contam para a crise?

Então, porque será que a primeira imposição feita aos gregos pelos outros países da União Europeia é de reduzir drasticamente as despesas com a defesa? Parece que eles gastam muito dinheiro para se defenderem dos turcos que, pelo menos aparentemente, não lhes fazem guerra que se veja.

A primeira vez na história da humanidade em que alguns povos escolheram a via da colaboração e não a via da guerra, são os povos que tentam construir a União Europeia. Apesar, e talvez por causa, de todas as dificuldades en-

contradas, o caminho vai sendo percorrido. Com avanços e com recuos, mas vai sendo percorrido. Mas porque é a primeira vez na história, os que são contra a solidariedade entre pessoas e povos estão sempre a lançar armadilhas, a tentar dificultar a construção de uma verdadeira fraternidade entre povos. Ainda bem, porque, sem dificuldades, nada se constrói de sólido e duradouro.

Agora que os ricos dizem que há crise, seria uma excelente oportunidade para fazerem avançar um pouco o caminho da solidariedade. Mas a solidariedade nunca avançará sem que mudem as percentagens de posse das coisas. Enquanto 20 por cento das pessoas possuírem 80 por cento dos bens, a resposta às crises será sempre a mesma: - guerra.

Mas, muito antes da crise financeira dos bancos em 2008, havia, e continua a haver, a crise ecológica e a crise económica.

Para resolver a crise ecológica, ainda ninguém fez quase nada.

A crise económica, ninguém com poder a quer ver. De facto, será que se produz o que se deve produzir? Será que se produz como se deve produzir? Será que se comercializa como deve ser?

A crise financeira dos bancos foi resolvida muito rapidamente. Mas agora começa a crise financeira dos países. Será que vai ser resolvida solidariamente?

E porque hoje é o primeiro dia do resto das nossas vidas, é hoje que todos devemos iniciar a terceira Páscoa, a da libertação total.

SER MELHOR não tem limite. Podemos ser sempre melhores.

Ter mais, aprendemos todos na primeira classe, só é possível na medida em que produzirmos mais. Se houver 10, não podemos distribuir 20. A não ser que continuemos a fazer dívidas para deixarmos em herança aos nossos filhos. ■



## A PROGESTUR



A Progestur tem vindo a desenvolver nos últimos anos, vários projectos ligados à promoção da cultura tradicional portuguesa, contribuindo para a sua divulgação e afirmação da identidade cultural nacional. Apresentámos projectos culturais em quase todas as capitais de distrito do País, continente e ilhas - “Máscara Ibérica”, Máscaras em Portugal”, “Mistérios da Páscoa em Idanha”, “Festas e Romarias da Madeira”, “Festas e Romarias de Portugal”; fizemos parte da oferta cultural do Euro 2004 e 2008; estivemos presentes na exposição Mundial em Aichi - Japão; estamos em itinerância com a exposição “Máscaras de Portugal” no Brasil; editámos livros - o último, em Novembro de 2009, foi o 2º volume de “Máscara Ibérica”, com prefácio do Durão Barroso; organizamos o já considerado maior Desfile temático da Europa - “O Grande Desfile Máscara Ibérica”, que vai para a 5ª edição, a “Mostra das Regiões” e o “Entrudo em Lazarim”; pertencemos a um projecto europeu “Masks et Masquarades” no âmbito do programa cultura 2007-2013; promovemos debates, workshops e outras acções de promoção turístico-culturais, sempre enquadradas a nível europeu. Ainda em relação a obras literárias, editámos o ano passado o livro do pintor luso-angolano “Neves e Sousa, o pintor de Angola”.

Todos estes projectos e iniciativas desenvolvidas pela Progestur têm sempre um forte enquadramento institucional, público e privado, de entidades oficiais ligadas ao turismo e cultura de Portugal e Espanha e retorno mediático garantido. De parcerias, como a dos CTT, nasceu uma colecção de selos sobre a Temática da Máscara, colecção base dos Correios de Portugal nos anos de 2005/06. Com o grupo Delta Cafés apresentou-se uma colecção de saquetas de açúcar sobre a temática da “Máscara” que foi distribuída em vários países e cuja produção atingiu 20 milhões de unidades.

A Progestur privilegia projectos de desenvolvimento que estabeleçam elos de ligação entre cultura, educação e desenvolvimento, incentivando a criação e difusão, capazes de representar dignamente o nosso país a nível de reputação, notoriedade e prestígio. Em simultâneo e como retorno desse trabalho, presta-se um contributo inestimável para a acreditação e valorização das tradições, como também da região, gentes e artesãos que tornam possível a perpetuação das mesmas, estimulando a permanência e reaparecimento de novos grupos representativos dessas tradições.

A aposta na promoção da cultura popular portuguesa enquanto factor empreendedor na divulgação e dinamização do turismo cultural das regiões envolvidas nos projectos, tem vindo a mostrar a sua eficácia ímpar na valorização das mesmas, assim como de todo o seu património, conferindo-lhes o título de destinos turísticos por excelência. Acreditamos na viabilidade e sustentabilidade do turismo cultural e no carácter potenciador que a promoção e a divulgação da cultura etnográfica - rituais,

costumes - exercem enquanto elemento de atractividade e de inserção em circuitos turísticos internacionais.

A Progestur, juntamente com a ADRACES, está a proceder a um estudo de inventariação do património cultural dos quatro concelhos da BIS (Beira Interior Sul) - Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão.

Esta região, guarda em si uma riqueza invulgar de património cultural material e imaterial com as suas festas, tradições, lendas, costumes, os produtos tradicionais, entre outros.

E é nessa riqueza que se pode sustentar o forte potencial da Região da Beira Interior Sul.

Este projecto entre muitas outras perspectivas visa a preservação e divulgação das tradições culturais e do seu contexto social e económico, através de acções turístico-culturais, contribuindo para o desenvolvimento económico, social e cultural da região, potenciando e valorizando os recursos endógenos dos territórios rurais.

À medida do decorrer do projecto iremos reunir a informação necessária para que da mesma se estruturam e desenvolvam conteúdos de relevância turística permitindo a implementação de uma serie de acções que visem a diversificação das motivações de procura e desfrute e de factores de atracção turística culminando na afirmação e qualificação da BIS enquanto destino turístico de eleição.

## PROJECTO DE VALORIZAÇÃO TERRITORIAL DA BIS – BEIRA INTERIOR SUL

A Progestur, juntamente com a ADRACES, está a proceder a um estudo de inventariação do património cultural dos quatro concelhos da BIS (Beira Interior Sul) - Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Ródão.

Esta região, guarda em si uma riqueza invulgar de património cultural material e imaterial com as suas festas, tradições, lendas, costumes, os produtos tradicionais, entre outros.

E é nessa riqueza que se pode sustentar o forte potencial da Região da Beira Interior Sul.

Este projecto entre muitas outras perspectivas visa a preservação e divulgação das tradições culturais e do seu contexto social e económico, através de acções turístico-culturais, contribuindo para o desenvolvimento económico, social e cultural da região, potenciando e valorizando os recursos endógenos dos territórios rurais.

À medida do decorrer do projecto iremos reunir a informação necessária para que da mesma se estruturam e desenvolvam conteúdos de relevância turística permitindo a implementação de uma serie de acções que visem a diversificação das motivações de procura e desfrute e de factores de atracção turística culminando na afirmação e qualificação da BIS enquanto destino turístico de eleição. ■



## EM MONTALEGRE E BOTICAS

7 a 10 de Abril – ECOMUSEU DO BARROSO

## REUNIÃO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DAS UNIVERSIDADES RURAIS EUROPEIAS

O nosso parceiro APURE – Associação para as Universidades Rurais Europeias, reúne em Portugal e a convite da UniPRUP – Universidade Popular e Rural de Portugal, o seu Conselho de Administração nos próximos dias 7 a 10 de Abril tendo como anfitrião de operações o novel “EcoMuseu do Barroso” e merecendo o apoio dos Municípios de Montalegre e de Boticas.

Montalegre e Boticas, no norte Transmontano, pela sua riqueza natural, biodiversidade e conservação de hábitos e tradições ancestrais constituem dos melhores testemunhos vivos da identidade de um povo e de uma das mais enigmáticas, interessantes e vincadas sub-regiões do nosso País, acolherá na ocasião, uma vintena de personalidades ligadas ao património natural, à investigação e educação popular oriundas de França, Itália, Polónia, Hungria, Roménia, Bélgica, Espanha, Inglaterra e aonde se integrará igualmente uma delegação representando a Câmara da Cidade de S. Joseph da Ilha da Reunião, chefiada pelo seu Presidente e Deputado à Assembleia Nacional Francesa e ainda, Vice-Presidente da APURE, Mr. Patrik Lebreton.



Para além da «Agenda de Trabalhos» própria e discussão das questões internas da APURE, os participantes terão oportunidade de observar as enormes potencialidades turísticas da Região Barrosã, muito especialmente o património rural e popular consubstanciado no Projecto Natural do ECOMUSEU DO BARROSO, de forma a poderem disseminar e contribuir nos seus respectivos países, para a sua visibilidade e atractividade internacional.

A ADRACES, como Associada da APURE, ocupando presentemente uma Vice-Presidência e assegurando o seu secretariado internacional, desde já se congratula com mais esta iniciativa em território nacional e deseja a todos os visitantes e participantes, uma óptima estadia.

### BREVES DA “APURE”

Reuniu-se no passado dia 10 de Março em Bruxelas, o Conselho de Administração da Associação Internacional: R.E.D. – Ruralité – Environnement – Developpement. A “APURE” na qualidade de Vice-Presidente da R.E.D. esteve representada pelo seu Presidente e pelo Vice-Presidente Mr. Istvan Bali.

Ainda no passado dia 10 de Março, inaugurou-se em Bruxelas, nas instalações culturais pertencentes à embaixada da Hungria, uma interessante exposição internacional de fotografia denominada “*Le monde rural comme je le vois*” **organizada pela** Antena APURE da Hungria (Europe Direct Szolnok / Associação Agrária) e R.E.D.E. Desta muito diversificada e rica exposição fazem parte imagens premiadas de autoria da nossa colega e colaboradora Sandra Vicente, a quem felicitamos e desde já incentivamos.

A 11 de Março esteve reunido no Centro Europeu Alberte Borschette em Bruxelas, o Grupo Consultivo “Desenvolvimento Rural” da Comissão Europeia / D.G.AGRI. A Reunião foi presidida pelo Vice-Presidente da APURE e Presidente de R.E.D.E., Mr. Gerard Peltre. Na presença dos habituais representantes das organizações ligadas ao meio rural de todos os Estados Membros da União, foram debatidas e analisadas sobretudo questões relacionadas com o futuro das políticas rurais europeias. A APURE esteve representada pelo seu Presidente e pelo Vice-Presidente Mr. Istvan Bali. ■



## TEM A PALAVRA

Mário Dias Pires, 58 anos  
[Freguesia de Juncal do Campo]

Nasceu, cresceu e vive em Juncal do Campo. Apenas saiu para cumprir o serviço militar, mas logo retornou para dar continuidade ao negócio que outrora fora de seu pai.

Casou e constituiu família e ao longo dos anos viu o negócio crescer. Foi então que alargou horizontes e instalou a indústria de serração em Castelo Branco, mas é em Juncal do Campo que se sente bem, junto dos filhos que lhe seguiram as pisadas também eles permanecendo na aldeia.

## “TEMOS CÁ POUCA GENTE, MAS A QUE TEMOS É BOA!”

### 1. Como surgiu a presidência da Junta de Freguesia de Juncal do Campo na sua vida?

Cheguei à Junta de Freguesia através de convite do Sr. Presidente Joaquim Morão.

Na altura do convite, por motivos profissionais, não me foi possível aceitar o desafio, mas deixei a promessa de que na primeira oportunidade assumiria o cargo. Como gosto de cumprir promessas, cá estou.

Um outro motivo pelo qual aceitei foi o facto de as freguesias estarem cada vez mais pequenas a nível de população, havendo assim cada vez mais dificuldade em encontrar pessoas com disponibilidade para assumir os cargos que requerem alguma dedicação e responsabilidade.

### 2. Como descreve a Freguesia que dirige?

Antes de entrar para a Junta, eu nem me apercebia muito bem da situação da freguesia. No primeiro dia em que fiz campanha, juntamente com o Presidente da Câmara pelas ruas do Juncal do Campo, é que me deparei com a falta de gente que tínhamos. Para ter uma ideia, o ano passado registámos 15 óbitos e um nascimento.

Há cerca de 40 anos, o Juncal era uma aldeia que tinha de tudo aos pares: sapateiro, padeiro, serralheiro etc. e como tal vivia-se bastante bem. Isso fez com que os filhos dessas pessoas fossem estudar para fora, escolhendo outro local para viver.

Actualmente os idosos são cada vez mais e os jovens cada vez menos. O Juncal tem duas crianças que frequentam a escola no Freixial do Campo.

No apoio à população idosa, a junta de freguesia tem um acordo com o Centro Social do Salgueiro do Campo que presta serviços de Centro de Dia aqui no Juncal. Esse serviço funciona no edifício onde funcionava a escola primária e que foi recuperado para o efeito.

### 3. Na sua opinião, o que poderá ser feito para inverter a tendência do êxodo rural?

Nós, junta de freguesia, temo-nos debatido com um problema que é a falta de terrenos onde as pessoas possam construir habitação. Um dos grandes projectos da junta é desbloquear alguns terrenos onde se possa fazer um loteamento. Mas não tem sido fácil dar resposta a este problema.

Muitos jovens só saem do Juncal porque não têm local onde possam construir, até porque a freguesia está muito bem localizada, próxima de Castelo Branco e com bons acessos.

Mas este é um problema que já vem de longe. No meu tempo, quando construí a minha casa, tive algumas dificuldades para encontrar terreno, e como eu eram mais uns quantos. Já nessa altura, apenas eu e outro rapaz conseguimos ficar por cá.

### 4. Na freguesia existe ainda algum associativismo?

Sim, bastante. Temos a Associação Cultural e Recreativa do Juncal que tem ainda muito dinamismo, organizando várias actividades desportivas e culturais ao longo do ano.

Temos também o Rancho Folclórico do Juncal que promove alguns eventos significativos, como o festival de folclore. Este rancho começou como rancho infantil, apenas com pessoas cá da terra. Actualmente já integra muitas pessoas de fora e tem-se conseguido manter, pois ainda há muitas pessoas com vontade de dançar.

O associativismo e a vontade de trabalhar em prol da comunidade é um legado muito importante que infelizmente se tem vindo a perder. Hoje as pessoas têm muito mais com que se ocupar que antigamente, e só isso faz toda a diferença.

### 5. Ao nível do património cultural e tradições, em que é que Juncal do Campo tem maior expressividade? De que forma estas tradições dinamizam a freguesia?

Embora já não sejam vividas tão intensamente, as tradições da aldeia continuam cá. As tradições mais expressivas são o Madeiro no Natal e a Festa de S. Simão, que se realiza todos os anos em Agosto.

De há uns anos para cá, a festa de verão tem sido feita por carolice de algumas pessoas que ainda trabalham para manter as tradições locais. É muito bom que ainda haja gente com este espírito. Nesses dias o Juncal do Campo nem parece o mesmo, todas as pessoas vêm à terra e se re-encontram. Se não fosse a festa, havia pessoas que estaríamos anos e anos sem as ver.

### 6. Qual a ligação que Juncal do Campo tem com as freguesias vizinhas?

Temos todas e as melhores ligações com as aldeias vizinhas, não só através das Escolas e do Centro de Dia, mas a outros níveis.

Um dos nossos lemas é: colaborar com toda a gente, sempre que há oportunidade. Exemplo disso é a Feira do Pão e do Vinho que realizámos pela primeira vez o ano passado, conjuntamente com a freguesia de Salgueiro do Campo.

A realização desta feira é muito importante, pois valorizamos o que de melhor temos. Correu muito bem e as pessoas aderiram bastante, aliás, se tivéssemos mais espaço, ainda teríamos mais expositores na feira. Este ano vai realizar-se a segunda edição conjunta.

### 7. Que futuro perspectiva para a sua freguesia?

Em relação ao futuro, a junta tem alguns projectos para os próximos anos, mas sobre isso eu prefiro não falar muito, pois o nosso trabalho baseia-se naquilo que nos é possível fazer no dia-a-dia.

No passado, modéstia à parte, a nossa junta fez um trabalho muito bom, de raiz, em que requalificámos toda a viação rural, fizemos limpeza de ribeiras e fontes, requalificámos o largo das festas e a antiga escola, enfim, mexemos em tudo. Muito deste trabalho foi feito com a ajuda de pessoas da terra, a título gratuito. Temos cá pouca gente, mas a que temos é boa!

Por agora, o que posso garantir é que a junta vai continuar a servir as pessoas, zelar pela conservação e manutenção daquilo que foi feito e continuar a “levar a água ao nosso moinho”. ■

#### Alguns dados sobre a freguesia de Juncal do Campo:

|                               |                       |
|-------------------------------|-----------------------|
| População Residente           | 500                   |
| Proporção de Idosos           | 39,2%                 |
| Proporção de Jovens           | 7,2%                  |
| Área                          | 22,18 Km <sup>2</sup> |
| Anexas                        | Chão da Vã; Camões    |
| Distância da sede de concelho | 15 km                 |

Fonte: INE, Censos 2001



# À PROCURA DE QUEM SOU

Domingos Santos

[Docente do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB)]

Num mundo globalizado, pelo seu património, um país, uma região, uma comunidade, afirmam-se pela sua singularidade e diferença. Outrora preocupação de uma elite política e intelectual que definia o que deveria ser conservado e guardado, o património entrou na agenda alargada do domínio público, democratizou-se.

Nesta fase de *boom* do património, agarramo-nos à noção de património cultural para assegurar a conexão inter-geracional, convocando a memória e colocando-a ao serviço da construção de uma identidade colectiva. O património cultural, material e imaterial tornou-se, inquestionavelmente, um dos elementos-chave de afirmação identitária.

Patrimonializar é, também, justamente por essa razão, uma forma de olhar o futuro, o nosso futuro comum. Isso comporta um grande desafio, que é o de conhecer, saber olhar e interpretar o nosso legado enquanto motor de construção identitária. Como lembrava Platão, “a beleza de Atenas não está no que vês, mas no que compreendes depois de a ter visto”. Em larga medida, essa é a equação que precisa de ser devidamente formulada e resolvida.

As tradições e a cultura, em sentido amplo, para se tornarem um catalisador do desenvolvimento local têm de ser percebidas como um processo e não como um acontecimento quase isolados e fechados, sacralizados. Têm de ser forma mas também conteúdo e projecto colocado ao serviço do reforço identitário das comunidades locais, sem, todavia, lhes fechar a porta da contínua revivificação cultural. O repto, nada fácil de equacionar e resolver, passa, pois, por preservar a memória evitando excessos museográficos que podem levar a fenómenos de petrificação e cristalização cultural.

No contexto de uma sociedade e de uma economia cada vez mais globalizadas, cada território deve saber encontrar o seu lugar no mundo. Nesta procura pela sua identidade, o património assume, necessariamente, um papel de relevo e deve poder contribuir para achar novas fórmulas de posicionamento, interna e externamente.

Como determinar que aspecto(s) das culturas locais necessitarão de atenção especial? Como transformar estes aspectos específicos em factores de desenvolvimento? Como analisar e prever as mudanças nas identidades e culturas?

Quem deve ser responsável pela preservação das identidades locais?

Não se trata tanto de vender património cultural quanto o de valorizar recursos endógenos. É fundamental que se possa proporcionar auto-estima, condição *sine qua non*, tantas vezes olvidada, de desenvolvimento individual e colectivo. A anemia e a apatia são, muitas vezes, a meu ver o resultado da perda de confiança, pelo que urge inverter esse ciclo vicioso, afirmando valores e recursos locais, tornando as comunidades mais orgulhosas, capazes, assertivas e dispostas à acção.

O culto do património aparece como um contra-poder visando contrabalançar as disfunções éticas e económicas que colocam cada vez mais em causa os valores da autenticidade e mesmo de cidadania. No fundo, através da ligação à herança patrimonial, pode responder-se ao desafio que Jane Wagner, uma escritora e cineasta norte-americana, enunciava, com sentido de humor, desta maneira: “Toda a vida quis ser alguém. Agora vejo que devia ter sido mais específica”. É justamente esse o ponto. O património como veículo de ligação e enraizamento. Elo afectivo de ligação ao território e de reforço da coesão social, que melhor permite alicerçar o trabalho de construção identitária, permitindo uma transição mais firme e segura entre o presente e o futuro.

Se bem aproveitada, a herança cultural abre novas portas para a valorização dos recursos do território. É preciso, contudo, não esquecer que se trata de um recurso frágil, não-renovável, que convém preservar, valorizar e transmitir.

O património cultural, entendido enquanto recurso estratégico, pode, e deve, constituir um pilar fundamental na definição de caminhos de futuro, já que esta dimensão cultural é absolutamente crítica nos processos de desenvolvimento, se realmente queremos que seja útil para as comunidades locais. Infelizmente, mesmo no campo do desenvolvimento rural, a dimensão cultural é, frequentemente, se não ignorada, pelo menos desvalorizada face a intervenções de cariz mais técnico e sectorial. ■



OS CARRASCOS DE AUSCHWITZ  
E BIRKENAU TAMBÉM CELEBRARAM  
A PÁSCOA?

## A CRUELDADE E A CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Na Polónia ainda se não usa gel de duche em todos os hotéis, especialmente nos da província... Na Polónia ainda se não usam pacotinhos de açúcar para adoçar o café... nem garrafas em miniatura para imitar galheteiros... A Polónia é um país acolhedor, generoso, simpático onde o asseio prima e a qualidade é tida como regra de educação cívica... apesar disso, não se usam imitações comerciais de galheteiros, nem pacotes de açúcar para os cafés, o chá ou o leite... Na Polónia podemos ainda comer bolinhos, pãezinhos caseiros, feitos à vista pelas mãos das mulheres, beber água em copos servidos por jarros de vidro sem manchas e chá de ervas em jarros mergulhados nos recipientes onde as tisanas e infusões se preparam ou retirar de açucareiros de loiça uma ou mais colheres de açúcar para adoçar o que se bebe...

Porém, na Polónia já todas as estradas estão em obras e as pessoas esperam da União Europeia um impacto no desenvolvimento de que desconhecem os efeitos... e já se queixam, na Polónia... da crise na agricultura, dos lobbies na economia... outros que não os que pensavam próprios do seu tipo de governo ditado pelas alianças com a ex-União Soviética, há 3 décadas atrás... hoje, já depois do movimento sindical do “Solidariedade” de Lech Walesa, depois do Papa João Paulo II, a Polónia está perplexa, ainda com esperança no futuro mas, com medo...

Os jovens aguardam uma liberdade de que ouvem falar e que, num misto de curiosidade e estranheza, os faz interrogar-se sobre o que significará para eles e para a sua vida, essa liberdade... eles que se interrogam e tocam música clássica desde a infância e a adolescência e para quem o teatro, o canto, a literatura e a representação são lugares-comuns, divertidos e sentidos desde sempre...

Os adultos desconfiam... de promessas que levaram já à queda de um regime político e à sua substituição por modelos autoritários que a própria Europa condena... e à vivência de uma crise económica prenunciada no risco de desaparecimento dos modos de vida tradicionais, agrícolas e empresariais e no desemprego que não imaginaram vir a conhecer...

A realidade torna-se mais complexa do que seria suposto... afinal, a liberdade não é, simplesmente, o lado oposto de uma moeda que vão trocar por euros... sim, na Polónia ainda se utiliza a moeda nacional, o zelote e a cultura económica dos cidadãos torna visível a desconfiança do euro...

Ana Paula Fitas

[Doutora em Ciências Sociais – Estudos  
Portugueses – Cultura Portuguesa do  
Século XX]

A Polónia tem um passado de guerras; entre Impérios poderosos foi sempre terra de conquista, caminho e sangue... da velha Prússia a Napoleão, dos alemães aos austríacos e aos russos... em meados do século XX, esteve mesmo dividida entre a Alemanha nazi e a Rússia estalinista...

... foi aliás no sul da Polónia que os alemães instalaram Auschwitz e Birkenau, os campos da morte, lugar onde se procedeu a um dos maiores - senão o maior! - genocídios da História: o Holocausto...

Visitei Auschwitz e Birkenau, os campos de extermínio de judeus, ciganos, polacos, checos, russos, húngaros e até franceses... em Auschwitz, entre 1939 e 1944, durante o curto período de 4 anos, foi assassinado um milhão de pessoas... estão lá os cerca de 30 blocos de alvenaria dispostos lado a lado, entre estreitas ruas de terra batida onde os nazis destituíram de dignidade a condição humana...

... 30 blocos rodeados de um impressionante complexo eléctrico que reduzia a cinzas quem se aproximasse do arame farpado de um campo que tinha a título de recepção, uma sarcástica frase que apelava às virtudes terapêuticas do trabalho... sarcástica sim porque ali nem para trabalhos forçados havia espaço... pior que gado amontoado cruelmente, as pessoas foram obrigadas a pensar e a sentir as mais dolorosas sensações imagináveis...

... porque ao lado desses blocos onde foram feitas torturas e experiências medonhas sobre o sofrimento humano, havia crematórios que foram sucessivamente cheios de pessoas vivas e mortas para queimar...o maior desses crematórios é um conjunto de salas sem portas, de paredes queimadas, enorme, inacreditável...onde, sob o pretexto de irem tomar duche, os prisioneiros, homens, mulheres e crianças eram conduzidos e despídos para serem mortos com gás... devem ter morrido abraçados, homens, mulheres e crianças, desconhecidos entre si, unidos no medo e na dor da morte colectiva...

De tanto horror e tanta crueldade programada, calculada ao milímetro, resulta que, perante o chamado "Paredão da Morte" onde eram fuzilados sumariamente prisioneiros, se tem uma sensação de alívio...quem poderia suportar tanta maldade, tanta crueldade, tanto sofrimento?...

Os homens e as mulheres de Auschwitz morreram de dor, de fome, de frio, de doença, de medo e horror...um milhão! - só neste pequeno campo chamado Auschwitz que sobrevive como um aviso para a História... para que não esqueça!

... Ao lado de Auschwitz, a cerca de 4 quilómetros, está o designado Auschwitz II, o campo de concentração chamado Birkenau...onde o horror se repete num cenário que lembra a banalização do crime, a vulgaridade dos assassinatos em massa, a indiferença completa e radical face ao sofrimento, a dor e a morte...

Em Birkenau sucedem-se dezenas e dezenas de barracões (sim, já nem de blocos de alvenaria se trata mas de elementares estruturas rectangulares, compridas) que se enchiam de pessoas para matar...e, horror dos horrores, uma linha de caminho-de-ferro sem apeadeiros ou paisagem possível de ser pensada, feita de propósito para ali chegar e não deixar partir, atravessa os campos desertos para entrar nos portões principais desse 2º campo da morte...

... Dói ao ponto de se tornar incompreensível... como foi possível pensar, prever, preparar, programar tanto assassinato?... como pode a Humanidade produzir pessoas capazes de tanta crueldade?... de que massa, de que matéria se fazem seres humanos que tão desumanamente executam tanta crueldade?...

Por muito que nos doa, também os carrascos eram pessoas...com famílias, sentimentos, pensamento... capazes de atrocidades quase indizíveis...

Também a guerra leva a extremos impensados os comportamentos humanos...que o digam os soldados que voltam mudos com a consciência a gritar-lhes surda para toda a vida nas imagens que o cérebro não esquece...

A violência e a crueldade são o reflexo de situações humanamente criadas...não o podemos esquecer... e não podemos, também por isso ou melhor, antes de mais, exactamente por isso, esquecer a crueldade a que as realidades socioeconómicas e políticas podem conduzir os seres humanos em qualquer lugar ou tempo em que vivam... Evitar o colapso social, evitar a emergência das ditaduras, evitar a fome, a guerra, o desemprego, a pobreza e o sofrimento são o único modo de evitar a produção da crueldade... disso é exemplo o passado... disso é necessário dar conta no presente para o evitar no futuro...

Na História quase tudo se repete de um ou de outro modo com alterações pouco significativas: os personagens, os motivos, as soluções...contudo, o sofrimento e a crueldade são sempre da mesma natureza... é urgente cuidar dos nossos países, dos nossos povos, das nossas culturas, das pessoas - acima de tudo, é urgente cuidar das pessoas, dar prioridade incondicional à protecção da vida e da existência digna das pessoas... para que Auschwitz e Birkenau se não repitam em local algum do nosso planeta...

Ensinemos as nossas crianças a ser conscientes e capazes de pensar, criticar e discernir o certo e o errado...para que nunca possam ser manipuladas... para que nunca possam colaborar na construção da crueldade... Auschwitz e Birkenau existiram e estão lá as provas materiais da existência...lá, aqui tão perto, no sul da Polónia... Auschwitz e Birkenau podiam ter sido instalados num outro qualquer país, em qualquer outro território... ninguém o evitou... cabe-nos por isso a todos nós, cidadãos europeus no seu conjunto e a cada um em particular, evitar o futuro de mais vivências como esta... mantendo a consciência desperta, estando vigilantes e sempre atentos aos atentados contra a liberdade e os direitos humanos! Sempre!

Quando falamos de paz ou do combate à pobreza, ao desemprego, à miséria, à desertificação, ao medo... quando falamos de desenvolvimento, de justiça, de liberdade, de igualdade, de respeito, de democracia... quando reivindicamos melhorias nas condições de vida... é disto que falamos: da construção do futuro... onde tudo permanece em aberto mas em relação ao que teremos de manter aceso, presente e inviolável um único princípio: evitar o sofrimento e a crueldade!

Auschwitz e Birkenau foram feitos por pessoas! Auschwitz e Birkenau, Nunca Mais! ■

# PENTECOSTES. O CULTO POPULAR DO ESPÍRITO SANTO.

## RETORNO À IDADE DO OURO.

Maria Eduarda Rosa

Segundo Hesíodo, em *Os Trabalhos e Os Dias*, teria havido no início uma dita “raça de ouro” de homens como deuses, vivendo eternamente jovens e felizes no meio do campo que tudo lhes dava sem trabalho, legumes e frutos com que se alimentavam sem precisarem de matar.

Nesta Idade de Ouro, Astreia, filha de Zeus e Témis, a Justiça, irmã do Pudor, reinava sobre a Terra, espalhando entre os humanos sentimentos de Virtude e de Justiça.

Esse viver paradisíaco, porém, desapareceu porque os homens degeneraram e o mal espalhou-se pelo Mundo. Astreia começou a andar muito triste com o comportamento dos homens e refugiou-se algum tempo junto dos camponeses. Mas não aguentou muito e subiu ao Céu onde se tornou na constelação da Virgem.

Mito, o nada que é tudo, segundo o poeta! Anónimo e sem data, mas sem a sua envolvimento na existência humana seríamos sem dúvida mais inseguros. Talvez venhamos a dar razão a Mircea Eliade quando acreditava ficar na história do Século XX como uma das descobertas mais úteis da compreensão do mito, que, a nosso ver, muito deve à investigação do suíço Carl Gustav Jung.

### PENTECOSTES COMO FESTA AGRÁRIA

Pentecostes é um nome criado pelos Judeus e significa o quinquagésimo dia após a Festa da Páscoa. O que faziam os Judeus neste dia? Que significado tinha esta Festa? O Povo reunia-se para celebrar as ceifas do trigo e partilhar os primeiros pães cozidos com os novos grãos. Esta Festa Agrícola simbolizava o fim do errar daquele Povo e a sua fixação na Terra Prometida. Com a Diáspora deixaram de festejar este ciclo pois as terras onde se encontravam provavelmente não estavam em tempo de colheitas nesta altura e começaram a comemorar a revelação da Lei dada a Moisés no Monte Sinai, feita no meio do fogo, numa sarça-ardente.

Com o Cristianismo, o Pentecostes representa a aparição de umas Línguas à maneira de fogo que se foram dividindo e poisando sobre os companheiros de Cristo, já depois deste ter morrido, e eles cheios do Espírito Santo, começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.

É curioso notar, tal como o faz Jacques de Voragine em *La Legende Dorée*, as similitudes dos dois povos, o Judeu e o Cristão, ambos eleitos. O fogo é o elemento que está presente quer no cimo do Monte Sinai quer no Cenáculo do Monte Sião e o Espírito que desce sobre os Cristãos parece identificar-se com a perfeição da Lei, uma vez que a consumação da Lei é o Amor.

Não vamos entrar aqui na questão dos Povos Eleitos porque nos vem logo à mente os colonizadores europeus e os nazis e isso é de muito má memória. Há que reconhecer no entanto que o Espírito em forma de Línguas de Fogo, dando a possibilidade de falar todas as línguas, é um fenómeno extraordinário de comunicação.

### O CULTO POPULAR DO ESPÍRITO SANTO

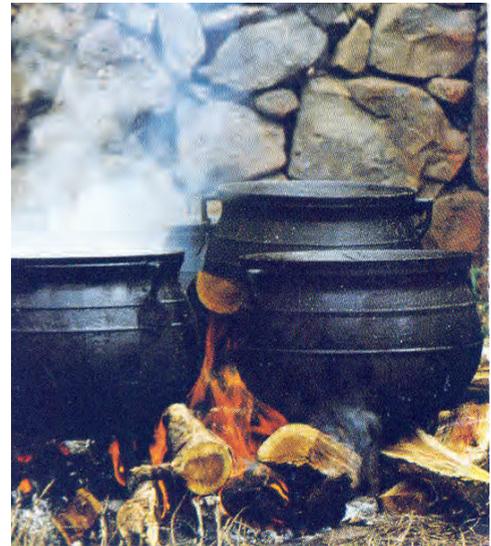
Este culto tem por alicerce uma profecia da Idade Média de um monge calabrês, Joaquim de Flora, segundo a qual o mundo iria ter três Idades: a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo.

Atribui-se à Rainha Santa Isabel, com boa relação com frades franciscanos e ao Rei D. Dinis, a criação do Culto Popular do Espírito Santo. Diz-se que em Alenquer colocaram 12 pobres à mesa e instituíram o Culto. Consta que a Igreja Católica a princípio o rejeitou, mas quando ele chega com os primeiros povoadores nas caravelas aos Açores, já tinha sido assimilado por esta Instituição.

Ainda hoje este Culto se mantém vivo nos Açores e foram os açorianos que o levaram Mundo fora onde ainda hoje permanece, talvez bem mais forte do que no arquipélago: Brasil, EUA, Canadá, Bermudas, Havai, etc., tendo adquirido em cada lugar singularidades específicas.

Em que consistia este Culto? Em dar comida às pessoas pobres e coroar uma criança como Imperador do Mundo.





O Povo entendeu muito bem esta mensagem e organizou-se em Irmandades, celebrando o Bodo no Domingo de Espírito Santo e coroando uma criança ou um adulto. Para a Função do Espírito Santo toda a gente participa com alegria.

No Domingo da Santíssima Trindade os Irmãos reúnem-se e tiram à sorte, quem irá ser o Mordomo da Festa do ano seguinte. O poder gira assim por todos os Irmãos, o que levou Antonieta Costa a afirmar em estudo feito, que estas Irmandades são as primeiras organizações democráticas.

Quando vemos na preparação da Festa do Espírito Santo a carne a cozer em grandes caldeirões de ferro sobre o fogo, lembramo-nos sempre do mito da Idade do Ouro e vemos nesta festa um desejo de retorno a esta idade.

A semente do fogo que Prometeu roubou a Zeus colocando-a dentro do funcho (verde e húmido por fora e seco por dentro) que levava na mão, foi dada aos homens para eles poderem iluminar as casas e fazer comida. Mas os deuses também levavam uma vida complexa de brigas e rancores. Zeus não queria dar o fogo aos humanos a quem também tinha retirado os cereais. Por isso os humanos já sofriam valentemente para trabalhar a terra e dela retirar o alimento. Se Prometeu, para dar o fogo aos humanos, teve que esconder a semente, assim estes têm igualmente que seleccionar e guardar algumas para mais tarde as semear. Tudo se complica! O fogo humano pode tornar-se um monstro devorador como temos visto nos incêndios. Ora as Línguas de Fogo que descem há cerca de 2000 anos são de fogo divino, provocando um entendimento singular entre as pessoas.

No Bodo das Festas Populares do Divino Espírito Santo, é bem necessário o fogo que herdámos do corajoso acto de Prometeu para se poder dar de comer a todos, inclusive aos outros animais. Sim porque o Espírito Santo é para todos sem exclusões. Um amigo contou-nos que, para os Judeus também poderem comer se chegou a sangrar os animais.

Quantas histórias retidas no imaginário açoriano sobre o animal que era tratado para ser abatido pelo Espírito Santo!

Uma vez visitámos S. Jorge e o taxista que nos levou à ponta do Topo, olhando o ilhéu em frente, contou, com um ar muito sério e muito crente no que ia dizer, que uma vez, devido ao mau tempo, não puderam ir buscar, de barco, os bois do Espírito Santo que lá pastavam e eles vieram a nado. Queriam ser abatidos.

No Faial, perto do Vulcão dos Capelinhos, há uma rua que se chama Canada do Touro. Conta-se que, aquando do Vulcão do Cabeço Fogo, em 1971/72 (aquele que levou os primeiros açorianos para o Brasil) pastava um touro que iria ser abatido para o bodo do Espírito Santo. A lava daquele vulcão deslizou do monte, tendo encurralado num círculo o animal que assim sobreviveu.

Nós também acreditamos ser possível voltar à Idade do Ouro, em que todos poderão ter uma vida feliz. É a fé dos açorianos no Espírito Santo que nos leva a crer nisso. Repare-se nestas fotos:

Cinco Mordomas dos Rosais de São Jorge levaram cinco meses a criar 120 bandeiras de tecidos diferentes para enfeitar este carro de bois que levou o pão do Espírito Santo (Massa Cevada) para o Império, em local bem próximo. A nossa admiração foi tal que uma das Mordomas adiantou-se à pergunta que já estávamos a começar a fazer: O Senhor Espírito Santo merece!

Perante isto, porque não acreditar que vai ser possível o Mundo voltar à sua origem (Mundo é o contrário de imundo, quer dizer limpo), limpo de misérias, lugar onde todos poderão viver em paz e amor?!

Porque não acreditar que Astreia vai poder voltar à Terra e Zeus nunca mais se irá zangar com o titã Prometeu por nos ter feito o grande favor de nos dar acesso ao fogo?! ■

# A PÁSCOA

## (MISTÉRIO DO SENTIDO DA VIDA E DA MORTE)

Lopes Marcelo

### 1. ENQUADRAMENTO.

Ao longo deste nosso território raiano existem múltiplas tradições que consagram ritualidades e vivências comunitárias do mistério da Páscoa. Certamente são abordadas neste número da nossa Revista VIVER. Contudo, fugiu-me a pena para a vibração da pauta dos afectos, reflectindo sobre o sentido da vida e da morte.

### 2. SER-EM-RELAÇÃO.

A pessoa, cada pessoa é um ser gregário, isto é, um ser-em-relação em múltiplas vertentes e dimensões. Desde logo, em relação com os outros no convívio próximo e quotidiano no seio da família. Depois, progressivamente, relacionando-se com a comunidade de origem num processo de identificação e filiação. Sempre, ao longo de toda a vida, em relação consigo próprio. E, formada a consciência individual, em relação com o transcendente.

No estar em relação no seio da família, surge a verdadeira formação para os valores da vida. Diz o nosso povo: “o que mais importa é o que se herda em vida”. Mesmo com as alterações verificadas na composição das famílias, continuam a ser o primeiro e principal referencial. Quando é possível e bem valorizado o convívio e a aprendizagem entre as várias gerações (dos avós aos netos), a pauta do respeito e do afecto molda a personalidade dos mais novos e reconforta os mais idosos. E a afectuosa descoberta dos porquês, a partilha da origem dos saberes e dos sabores, ocorre naturalmente não se queimando etapas ou fases no sempre inquieto arco da evolução das jovens personalidades.

No que diz respeito ao relacionamento com a comunidade, a situação já é mais problemática. Comunidade pres-

supõe um grupo integrado de pessoas que compartilham um território, desenvolvem laços de parentesco e convívio, repartem tarefas produtivas e funções sociais e culturais, visando satisfazer interesses comuns e defender objectivos colectivos. Ora, actualmente, tal moldura e pauta comunitária está muito alterada, sendo bastante problemático o sentimento de pertença pela afiliação a uma herança cultural e histórica comum. Contudo, esta dimensão constitui uma âncora fundamental para a estruturação equilibrada dos jovens e do modo a que o sentimento de pertença continue solidariamente vivo ao longo da vida e, mesmo, se transmita pelo exemplo às novas gerações. De facto, não nos sentimos fortes porque sejamos realmente fortes, mas porque nos sentimos amados. Somos fortes, na medida em que nos sentimos amados e respeitados.

O relacionamento consigo próprio, a partir da idade madura, abre um campo ilimitado de ambição de realização pessoal, de liberdade e de auto-determinação versus responsabilização pelas opções assumidas. É a original pauta de cada pessoa construir o seu projecto de vida e querer ser feliz à sua maneira. É um balanço permanente entre o projecto individual e o partilhar outros projectos de vida que se entrecruzam e se assumem de forma plural.

Formada a consciência individual, surge o questionamento sobre a dimensão do transcendente. Na vibração perante o sublime ecoa o apelo do absoluto e o alvoroço sobre o sentido da vida, ou seja, o significado da viagem e a interrogação perante a morte. Então, seja pela ancoragem no corpo doutrinário de alguma religião, seja pela descoberta pessoal e janela filosófica própria, o pacto com o transcendente é incontornável.

### 3. NOÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO.

A noção de tempo natural, filia-se na matriz cultural rural, assente em relações gregárias afectuosas, solidárias e sedimentadas pelo património onde mergulham as raízes e os laços de identidade de cada pessoa ao sentir-se filho de algo: uma família, a sua terra.

A aprendizagem da vida na pauta do tempo e espaço naturais, apreende as características dos ciclos produtivos, na moldura todos os anos renovada das estações do ano, nos seus ciclos de vida e de morte natural nas plantas e nos animais. Contudo, ao tempo natural contrapõe-se um tempo cada vez mais virtual, tecnológico, frio e menos afectuoso, até já em certa medida artificial. É já bastante representativo o número de pessoas, sobretudo os mais jovens que criados em ambiente urbano pouco ou nada conhecem da natureza vegetal e animal, dos ciclos produtivos, da origem dos produtos, das memórias culturais dos saberes e dos sabores dos produtos genuínos como jóias das tecnologias tradicionais humanizadas. É cada vez maior o número de jovens que não tiveram qualquer experiência viva e concreta da contemplação e entendimento dos humildes mas ricos fenómenos e acontecimentos naturais, onde a vida explode genuína e autêntica e a morte surge de modo tão natural.

### 4. A BOA E A MÁ MORTE.

De acordo com a noção de tempo natural evoca-se a ideia da boa-morte, quando se morre em casa, na cama, rodeado pela família e vizinhos. Quase sempre tendo havido tempo para orientar as partilhas, fechar os negócios terrenos e confortado com os ofícios religiosos (se for essa a opção). Não é, assim, uma moldura de desespero e embora num ambiente de constrangimento social e familiar, a face da boa-morte é mais humanizada, integrada numa linha de acontecimentos naturais e inter-geracional. É um acontecimento social que implica toda a comunidade.

Contudo, a sociedade mudou, concentrou-se e urbanizou-se. São cada vez menos as famílias próximas e disponíveis e os vizinhos já quase se não conhecem. A ideia de “boa-morte” vai sendo removida da sociedade e da família, começando a separação tantas vezes muito antes do colapso físico e mental, pelo afastamento e isolamento no hospital e recolha num lar, tantas vezes num indigno e desumano ciclo final. Assume-se, assim, uma espécie de pré-morte pela ruptura social e familiar. É o por de lado pelo afastamento e pelo esquecimento! Não esqueçamos que se a solidão é a ausência de tempo pessoal e relacional, a solidão definitiva é a total ausência de necessidade de tempo, o limite sem recuo e alternativa. Ou seja, é o “ser” bloqueado em si próprio, sem alguém que lhe devolva a sua imagem com afecto e validade activa para a vivência dos dias. Os dias, então, sucedem-se e a auto-estima, a consideração e o respeito é uma chama apagada.



Nesta sociedade hedonista, do facilitismo, de modas e ídolos de ocasião, valorizam-se os padrões de pretensa perfeição, consumismo e beleza a todo o custo. Lida-se mal com o sofrimento, foge-se do sofrimento! Tem-se a ideia superficial e errada que é preciso evitar às crianças os eventuais traumas psicológicos do contacto e do entendimento do sofrimento e da morte! E não estaremos a criar consciências e personalidades desligadas da realidade, apenas teóricas e virtuais? Isto é, cabeças cheias mas mal feitas, desligadas da vida palpável e concreta, substituindo a realidade pelas impressões gravadas pela influência de filmes que lhes dão a noção de que o sofrimento e a morte são a fazer de conta. E os modelos de violência e ruptura encontram em tais cabeças um terreno de imaginação fértil e irresponsável.

Cada pessoa terá a Páscoa que for construindo ao longo da sua vida, na vibração da pauta do sentido que foi encontrando para a sua vida. A exemplo de outros grandes marcos e vivências, uma boa Páscoa prepara-se e merece-se na partilha solidária com a comunidade e de forma tão mais autêntica quanto se estiver em paz consigo próprio. ■



# MANJARES DA PÁSCOA

Retirado do livro - *Cozinhados Lembrados*  
- *Tradições Gastronómicas da Beira Baixa*  
(edição ADRACES)

## ENTRADA ACELGAS FRITAS (PÁG. 49)

### Ingredientes

- Acelgas (Caules)
- Azeite
- Sal

### Para a Polme

- Ovo
- Farinha
- Água

### Modo de Preparação

Lavam-se bem as acelgas e levam-se a cozer em água e sal. São escorridas e envolvidas numa polme feita com ovo, farinha e água. Colocam-se a fritar em azeite. As folhas das acelgas podem ser aproveitadas para fazer esparregado.

### Composição Nutricional da receita por 100g de peso

- Proteínas - 3,89 g
- Gorduras totais - 26,59 g
- Hidratos de Carbono - 11,43 g
- Fibras Alimentares - 0,45 g
- Vitamina C - 7,49 mg
- Cálcio - 51,94 mg
- Ferro - 1,53 mg
- Valor Energético - 300,57 kcal

## SOPA SOPA DE GRÃO (PÁG. 73)

### Ingredientes

- Grão-de-bico
- Massa Grossa (Macarrão)
- Azeite
- Colorau
- Pão de Centeio
- Sal q.b.

### Modo de Preparação

Coloca-se o grão a cozer em água temperada com sal. Posteriormente adiciona-se a massa e deixa-se cozer. Numa frigideira, aquece-se um pouco de azeite, junta-se o colorau e numa terrina coloca-se o pão de centeio cortado em fatias fininhas. Primeiro deita-se a sopa em cima do pão e de seguida rega-se com o azeite frito com o colorau.

### Composição Nutricional da Receita por 100g de peso

- Proteínas - 3,33 g
- Gorduras Totais - 6,14 g
- Hidratos de Carbono - 11,66 g
- Fibras Alimentares - 1,65 g
- Vitamina C - 0,01 mg
- Cálcio - 24,44 mg
- Ferro - 0,79 mg
- Valor Energético - 115,26 kcal

## CARNE CABRITO ASSADO NO FORNO (PÁG. 153)

### Ingredientes

- Cabrito Inteiro
- Sal
- Colorau
- Alho
- Azeite

### Modo de Preparação

Prepara-se o cabrito e barra-se com uma pasta feita com alhos pisados, azeite, colorau e sal. Envolva-se bem o cabrito nesta pasta e leva-se ao forno a assar num tabuleiro. A meio da cozedura do cabrito rega-se com vinho branco várias vezes até ficar pronto.

### Composição nutricional da receita por 100 g de peso:

- Proteínas - 15,50 g
- Gorduras Totais - 12,92 g
- Hidratos de Carbono - 0,60 g
- Fibras Alimentares - 0 g
- Vitamina C - 0,11 mg
- Cálcio - 10,60 mg
- Ferro - 1,09 mg
- Valor Energético - 188,57 kcal

## SOBREMESA PAPAS DE CAROLO (PÁG. 207)

### Ingredientes

- Meio Pacote de Carolo
- 1 Litro de Leite
- Água
- Sal
- Azeite
- 4 Colheres de Sopa de Açúcar

### Modo de Preparação

Lava-se o carolo duas vezes em água limpa. Coloca-se água temperada com sal e azeite a ferver no lume. Adiciona-se o carolo e deixa-se cozer lentamente, mexendo sempre. Depois de cozido, vai-se deitando leite aos poucos, mexendo sempre, até ficar bem cremoso. No final, adiciona-se o açúcar e deita-se para uma terrina de barro para arrefecer. Come-se frio, à colher.

### Composição nutricional da receita por 100 g de peso

- Proteínas - 1,16 g
- Gorduras Totais - 1,59 g
- Hidratos de Carbono - 22,03 g
- Fibras Alimentares - 0 g
- Vitamina C - 0,50 mg
- Cálcio - 45,82 mg
- Ferro - 0,20 mg
- Valor Energético - 107,10 kcal

## BOLO DE PÁSCOA (PÁG. 247)

### Ingredientes

- 0,5 kg de Massa de Padeiro
- 1 kg de Açúcar
- 3 Dúzias de Ovos (amolecidos em água quente)
- 1 Litro de Azeite Quente
- 2 dl de Aguardente
- 1 Litro de Leite
- Canela
- Sal

### Modo de Preparação

Misturam-se os ovos com o açúcar e batem-se muito bem. Em seguida, junta-se o azeite morno, a água, o leite, a aguardente, o sal e a canela. Junta-se a massa de padeiro e, depois desta ficar bem trabalhada, fazem-se pães grandes e levam-se ao forno para cozerem.

### Composição nutricional da receita por 100 g de peso

- Proteínas - 6,66 g
- Gorduras Totais - 14,88 g
- Hidratos de Carbono - 42,86 g
- Fibras Alimentares - 1,25 g
- Vitamina C - 1,03 mg
- Cálcio - 123,95 mg
- Ferro - 2,63 mg
- Valor Energético - 337,43 kcal

# AS “GRANDES” NOTÍCIAS DA BIS

Por estas terras do interior, a vida é uma chatice? Nunca acontece nada de novo? Aqui vos deixamos, sem comentários, as “grandes notícias” de primeira página de alguma imprensa regional durante os últimos meses.

*Sai caro não registar os poços e charcas - o prazo acaba a 31 de Maio de 2010.*

**Reconquista 21 Maio 2009**

*Investigação muda a história do bordado - afinal o bordado de Castelo Branco não era feito no sossego do lar.*

**Reconquista 12 Novembro 2009**

*Casas e lojas na zona do fórum - nova zona de expansão da cidade.*

**Reconquista 26 de Novembro 2009**

*Condutora apanha 4 anos com pena suspensa - motorista do auto-carro absolvido em tribunal.*

**Reconquista 10 Dezembro 2009**

*64 milhões para 2010 - Câmara de Castelo Branco aprova orçamento.*

**Reconquista 17 Dezembro 2009**

*Danone produz para toda a Europa - Fábrica de Castelo Branco reforça posição no grupo.*

**Reconquista 23 de Dezembro de 2009**

*Entrada Sul vai a obras - Castelo Branco.*

**Reconquista 31 de Dezembro 2009**

*Estrada está uma desgraça - Entre Castelo Branco e Escalos de Cima*

**Reconquista 7 janeiro 2010-02-15**

*Dinossauros invadem a cidade - Maior exposição do Mundo chega em Março.*

**Reconquista 14 janeiro 2010-02-15**

*Ligação a Espanha passa por Alcains - Traçado do IC 31 praticamente decidido.*

**Reconquista 21 Janeiro 2010**

*Há dinheiro e plano para a campina - Ministro da Agricultura em entrevista*

**Reconquista 4 de Fevereiro 2010**

*“Castelo Branco lidera poder de compra na Beira” - Maiores concelhos à frente dos índices económicos de desenvolvimento*

**Jornal do Fundão, 10 Dezembro 2009**

*“Mais de milhão e meio de euros para apoiar agricultura” - Primeira visita do ministro à região*

**Gazeta do Interior, 16 Dezembro 2009**

*“Jovens médicos atraídos para o interior” - Governo garante mais 750 euros no ordenado*

**Gazeta do Interior, 2 de Dezembro 2009**

*“Monumento Natural Portas de Ródão concorre às 7 Maravilhas Naturais de Portugal”*

**Jornal o Concelho de Vila Velha de Ródão, Janeiro 2010**

*“Termas de Monfortinho despedem 40 trabalhadores” Um ano após mudanças na administração*

**Gazeta do Interior, 6 Janeiro 2010**

*“A segunda região em energia eólica” - Beira Interior*

**Jornal do Fundão, 14 Janeiro 2010**

*“O que 2010 vai trazer à região” - As obras que vão marcar as cidades*

**Jornal do Fundão, 31 Dezembro 2009**

*“Danone investe cinco milhões de euros” - Maior centro europeu de iogurtes líquidos em Castelo Branco*

**Gazeta do Interior, 23 Dezembro 2009**





“Mais de seis mil esperam por uma vaga num lar...” – Idosos no distrito

**Gazeta do Interior, 13 de Janeiro 2010**

“Distrito recebe mais de 11 milhões para combater desemprego” – Valter Lemos em entrevista exclusiva

**Gazeta do Interior, 27 Janeiro 2010-02-19**

“Câmara cria empresa para apoiar agricultura do concelho” – Idanha-a-Nova

**Gazeta do Interior, 03 de Fevereiro 2010**

“Novas estradas rasgam o Píntal” – Governo avança com a concessão

**Gazeta do Interior, 8 Julho 2009**

“IC31 à espera de declaração ambiental” – Castelo Branco – Fronteira de Monfortinho

**Jornal do Fundão, 21 de Janeiro 2010**

“Orçamento congela estradas na Beira” – IC6 e IC31 adiados

**Jornal do Fundão, 4 de Fevereiro 2010**

“Portados Quinhentistas vão ser cartaz turístico” – Maior conjunto nacional está em Castelo Branco

**Gazeta do Interior, 11 Novembro de 2009**

“Ex-alunos do politécnico brilham no mundo profissional”

**Gazeta do Interior, 28 de Outubro de 2009**

“A estrada que uniu a Beira faz seis anos” – A23 colocou novos desafios à região

**Jornal do Fundão, 9 Julho de 2009**

“Castelo Branco lidera qualidade de vida” – Desenvolvimento económico e social dos concelhos

**Jornal do Fundão, 16 de Julho de 2009**

## REVISTA



É com o lançamento do número 0 da Revista Solstício que a ASSOCIAÇÃO DESCOBRINDO se apresenta.

Esta Associação de Desenvolvimento Territorial nasce no território Sul da Serra da Gardunha com o intuito de “Descobrir, Desenvolver, Dinamizar, Divulgar e dar Dimensão aos produtos e recursos naturais, históricos, culturais e humanos intrínsecos ao imaginário de cada freguesia como lugar único e do Território como um todo”.

Esta edição apresenta as 12 freguesias que integram o território Sul da Serra da Gardunha e presenteia os seus leitores com um guia prático sobre tradições e festividades, agricultura e pastorícia, património e ainda alguns contactos úteis e de interesse turístico.

Uma iniciativa a Descobrir!

### CONTACTOS:

**DESCOBRINDO**  
- Associação de  
Desenvolvimento  
Territorial

Largo N. Sra. das  
Necessidades, Edifício da  
Biblioteca  
Serra da Gardunha  
6005-300 Soalheira

E.descobrindo@mail.com  
www.descobrindo.com

ATIRANDO  
PEDRINHAS NA POÇAA VELHINHA HISTÓRIA  
DOS CUNCAS FENDIDOS.

Abel Cuncas

Olha! Olha!... quem rola para mim! O Matusalem dos Cuncas, o mais marroquino dos filhos da Cuncaria, o Calisto Fendido! - Então? ... veio trazer as amêndoas? Há quantos séculos que não se aventurava por estas bandas!... Ficou prá'í afundado pelas securas passadas em algum remanso húmido até que, com a farturinha deste Inverno... ganhou coragem, fez-se à corrente que passa, e deixou-se rolar por estas bandas... tá tão polido de tanto rolar por estes nossos córregos, (que a virgem dos regatos padroeira dos Cuncas me perdoe) que quase parece tão transparente como a água em que se esconde!

- É verdade, grande pedrada esta, nunca me passaria pelo duro miolo que é o meu, a ideia de por cá encontrar o Patriarca dos Cuncas do Sul, dos célebres Cuncas do Pínhal e mais abaixo, rolantes dos perigosos declives que precedem as calmarias das grandes planícies... mais conhecidos pelos Cuncas "Fendidos". É, parece-vos estranho, mas cá o Abel, sem cobrar nada por isso, enquanto está húmido, vai contar-vos a muito antiga história dos "Fendidos" do Sul.

Conta-se, pelo menos assim contava o meu tatarataratarataavô que o oceano levou, que ainda antes daqueles tempos do terramoto de Pompeya,... já então, e por isso o terramoto, a família dos "Fendidos" era das mais poderosas da antiga Roma.

Bem... mas isso é outra história. A história dos CUNCAS fendidos é uma história de origem natural, produto das forças da natureza e não de nenhuma fraqueza reprodutora da Cuncaria.

Diz-se que num entardecer de Março dos tempos de um outro Senhor, (já que isso se passou antes da "legislatura" do J.C.), estava a Mãe Cunca regalada à "ponência-cálida" **do sol**, poisa da sobre um monumental calhau da borda-d'água, ali para os lados da Barquinha, quando de repente se agitaram as águas e o azul celeste virou *negro pretinho* (Sem nome) só iluminado pelo clarão dos "perigos" (a mãe dos futuros Cuncas do Sul era de origem do além-Tejo e já nessa época, por essas terras, não se dizia "raios" porque era feio, dizia-se "perigos").

Enfim, raios ou perigos, o certo é que a tragédia-milagre deuse. O Raio dum perigo abateu-se sobre a Mãe Cunca, fendendo-a em muitos pedacinhos. Foi tão grande a força do impacto do raio do perigo, que os pedacinhos fendidos voaram a enormes distâncias, alguns sobrevoando mesmo as portas do Ródão e vindo parar cá para os lados da BIS. Óbvio, se fosse hoje, dizia-se que tinham caído "meteoritos" ou outra coisa qualquer de origem ultra-terrestre, mas naquele tempo, um calhau era um calhau! E um fendido, era um fendido! (o doidinho do meu tio Rodo dizia que um deles aterrou em Monsanto!).

Segundo estes arquivos históricos, (cada Cunca é um imortal e petrificado depositário das histórias de passados milenares) teria sido desta forma, impelidos pelas forças da natureza, que os "**Fendidos do Sul**" se **infiltraram** cá nestas terras visigóticas e bravas dos encornados Wambas, lavradores de boa memória.

Desde então, estes Cuncas de origem pré-alentejana ou de ainda mais ao sul, proliferaram de tal maneira por estas bandas que o seu peculiar linguajar foi-se afirmando, dando azo a alterações dos nomes das coisas.

Por isso, o meu velhinho parente que deu origem a esta história, muitas vezes crismado pelos rumores do tempo, hoje chama-se Calisto Fendido.

O "Fendido" já sabe que lhe vem da "fendida" sua Mãe que o "Raio dum perigo" fendeu para todo o sempre; quanto ao Calisto é uma consequência dos seus tempos passados no além-Tejo em que era chamado à maneira alentejana de "Calitro", coisa que, segundo dizem os sábios, chupa a seiva da vida e a aguinha dos nossos "habitates".

E por hoje cá me vou... passem bem, tenho que fazer as honras da terra ao velhinho e roliço Calisto Fendido, não vá ele querer ficar por cá... em algum lar da Santa Cuncaria já bastante fendida, pelos perigos e raios dos calitros contemporâneos.

**Bem-hajam. E Felizes Páscoas.**

**Abel Cuncas,**  
dos Cuncas da BIS.



## NESTA EDIÇÃO DESTACA-SE:

### ONDAS CURTAS EUROPEIAS 03

#### “Parceria de Progresso e Ambição”

*Assim se pode sintetizar a proposta que o Presidente da Comissão Europeia José Manuel Durão Barroso faz ao Parlamento Europeu, como estratégia para o cumprimento das orientações políticas delineadas para o mandato 2010 - 2014 da Comissão Europeia.*

### GRANDE TEMA 14

“A Páscoa é uma festa multidimensional: É o momento em que o Sol instaura a Primavera, com a lua cheia e promessas de abundância, com a festa bíblica e, depois, com a crucifixão e ressurreição de Jesus. Mas é, sobretudo, uma festa agrária. Representa a ressurreição da Natureza. Os campos rebentam numa orgia de flores, de cores, de plantas jovens, de chilreios e de ruídos de torrentes. Inaugura o clima mais ameno do ano. Nos humanos, a época desperta a energia erótica da procriação; a Pascoela até era «o dia dos namorados». As dádivas da Páscoa reflectem o desejo de consolidação social. A Páscoa é floração, renovação e ressurreição multidimensional.”

### AO SABOR DA PENA 35

“No contexto de uma sociedade e de uma economia cada vez mais globalizadas, cada território deve saber encontrar o seu lugar no mundo. Nesta procura pela sua identidade, o património assume, necessariamente, um papel de relevo e deve poder contribuir para achar novas fórmulas de posicionamento, interna e externamente.”

### SENTIR A BEIRA 40

“No estar em relação no seio da família, surge a verdadeira formação para os valores da vida. Diz o nosso povo: “o que mais importa é o que se herda em vida”. Mesmo com as alterações verificadas na composição das famílias, continuam a ser o primeiro e principal referencial. Quando é possível e bem valorizado o convívio e a aprendizagem entre as várias gerações (dos avós aos netos), a pauta do respeito e do afecto molda a personalidade dos mais novos e reconforta os mais idosos.”

